

R O S A

Pedidos feitos
C.

ROMANCE DE J. M. DE MACEDO
EM ADAPTAÇÃO DE ERICO CRAMER

10º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

ROSA..... MARLENE NERY
ANASTACIO..... L.C. MAGALHÃES
JUCA..... GUDY EMUNDS
CLARA..... MARIA LOIZA
FAUSTINO..... CEZAR MAGNO
IRENE..... Dwa Jonealrus
BAZILIA..... JURACY PINTO

CENÁRIOS:

- 1º) - RECANTO DA SALA DE VISITAS DE MAURICIO (SET)
2º) - SALA DE ESTAR DA CASA DE D.BAZILIA

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES - (Abertura)

ABERTURA em: P.P. de ANASTÁCIO, senta
donum recanto da SALA DE VISITAS DE
MAURÍCIO, conversando com ROSA.

AFASTAMENTO até enquadrar ROSA, bor-
dando um lencinho.

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

ANASTÁCIO - Amanhã teremos outra daquelas
fastidiosas reuniões aqui em sua casa, Rosa?

ROSA - Não, tio Anastácio, não teremos porque
dois dos parceiros de voltarete estarão au-
sentes da côrte e papai se aborrece muito
quando é obrigado a ficar acordado até mais
tarde sem jogar.

ANASTÁCIO - Você nem sabe o quanto me alegra
saber que não serei obrigado a aturar, amanhã,
a cara de idiota do Comendador Sancho e as
ousadias do extravagante senhor Juca.

ROSA - O senhor implicou com Juca também, ti-
tio. Por que?

ANASTÁCIO - Porque acho-o com uns modos mui-
to desabusados. Você viu o que ele fez, na
última reunião, quando sentou-se na mesa de
jogo para substituir o professor Argemiro?

ROSA - O que foi? No princípio ele jogou mui-
to bem e papai estava satisfeitiíssimo com a
parceria. Chegou mesmo a dizer que valia a
pena jogar com rapaz tão atencioso ao jogo.

ANASTÁCIO - Pois sim, mas isso enquanto não
chegou a namorada à reunião. No momento que
ela apareceu, o bom parceiro se transformou
de uma forma tal que seu pai acabou se exas-
perando e pedindo-lhe que se levantasse da
mesa, dando o lugar a outro.

ROSA - Ah, o senhor também notou que ele não
prestou mais atenção ao jogo depois que Lau-
ra entrou na sala?

ANASTÁCIO - Mas quem não havia de reparar?
Só mesmo quem não quizesse ver. O homi-
nho olhava muito mais para ela do que para o jogo.

ANASTÁCIO -(CONT.) cartas... Uma hora chegou a pegar uma carta da penca e botar em cima da mesa sem olhar, ~~praticando o co~~, praticando o co dilho mais desastrado. Aí seu pai perdeu a paciência e convidou-o a levantar-se.

ROSA - (esforçando-se para não trair o seu despeito e mordendo o lábio) É... de fato... foi uma grande vitória para Laura. Ela virou de tal forma a cabeça do senhor Juca, que ele não pôde continuar jogando, porque não atingia mais com as cartas que tinha na mão.

HÁ UMA PAUSA EM QUE LAURA COMEÇA A BORDAR EM SILENCIO E ANASTÁCIO VOLTA A LEITURA DO JORNAL QUE TEM NAS MÃOS.

ANASTÁCIO - Eu não sei o que é que encontram naquele rapaz, não só as moças, mas também as velhas. A senhora dona Irene e até a senhora dona Juliana, derretem-se todas quando ele chega perto.

ROSA - A senhora dona Juliana, compreende-se perfeitamente. Ajuda a conquista da neta. E para isso, procura insinuar-se na simpatia do rapaz.

ANASTÁCIO - E dona Irene? Será que pretende conquistá-lo para ela mesma?

ROSA - Mas quem duvida? Dona Irene incluí-se na conta das moças que podem casar com qualquer rapaz da corte. E como é muito rica... sinceramente não é nada para se duvidar.

ANASTÁCIO - Belo atestado de caráter daria o rapaz que se casasse com ela! O senhor Juca sabe que ela é muito rica?

ROSA - Deve saber. Ninguém na corte ignora, porque ela mesma faz alarde do que tem, mas não creio que isso pudesse entusiasmar ao senhor Juca porque ele teria muitas out

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSA, com a fisionomia fechada, por não gostar do que está ouvindo.

FUSÃO com: G.P. de CLARA, sentada junto à mesa da SALA DE ESTAR DA CASA DE DONA BAZILIA, conversando com Faustino.

ROSA - (CONT.) realmente jovens, que estariam prontas a aceitá-lo à sua primeira investida.

ANASTACIO - Dona Laura, por exemplo. E entre ela e dona Irene, não resta dúvida que ele fica muito melhor servido com a primeira.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CLARA - O-senhor Juca ainda está dormindo?

FAUSTINO - Quando sai do quarto, estava recém-se acordando. Neste momento, deve estar a tomar banho.

CLARA - Estou aflita que ele me conte uma história de uns lenços que aconteceu, ontem à noite, em casa de Rosinha.

FAUSTINO - Lenços? Que lenços?

CLARA - Pois ele me apareceu aqui com um lençinho de senhora, todo bordado. Caçoei e ele me disse que aquele lenço tinha uma história muito divertida, que ele hoje me contaria.

FAUSTINO - Esse Juca sempre arranja coisas para contar. Nunca conheci ninguém que gostasse mais de se meter em complicações.

CLARA - E depois foi se meter logo com Laura e Rosinha, cada qual mais complicada.

FAUSTINO - Não sei por que, você tem tamanha implicância dessas duas senhoras, mana?

CLARA - Implicância, eu?! De Laura e Rosinha? Ora deixe-se de inventar coisas, mano Faustino. Por que hei de ter implicância delas? Por que são bonitas? Ou por que são ricas? Isso seria inveja e não implicância e graças a Deus, não sou invejosa, ouv

FAUSTINO - Eu não falei em inveja, falei em implicância; é coisa muito diferente.

CLARA - Mas em que se baseia você, para dizer tamanho absurdo?

FAUSTINO - Apenas no seguinte: cada vez que falo nessas senhoras, você tem alguma coisa a dizer contra elas. Outro dia falei na beleza de Rosa, você achou que a expressão dos seus olhos é dura demais; falei no seu porte, você achou que ela se empina demais para andar; falei na vivacidade do seu espírito, você achou que é desejo de exibição... Toda a mulher que retalha a outra sem contemplação, tem animosidade contra ela.

CLARA - E contra Laura, eu terei dito também alguma coisa?

FAUSTINO - Outro dia chamou-a de petulante, hoje chamou-a de complicada... Bem vê que isso é bastante sintomático, minha irmã.

ENTRA JUCA, EM MANGAS DE CAMISA, VINDO DO INTERIOR DA CASA. SENTA-SE PERTO DE FAUSTINO. CLARA SE LEVANTA DE ONDE ESTÁ E PROCURA ACERCAR-SE DELE.

JUCA - Bom dia, meus amigos.

FAUSTINO - Bom dia, não. Boa tarde que já são quasi onze horas do dia.

CLARA - E então, como foi de reunião ontem?

FAUSTINO - Eu já lhe disse que muito bem, quando entrei, ontem de noite, agora eu queria saber era o que fazia a senhora acordada àquela hora da noite?

CLARA - Mãe sentiu-se indisposta do estômago e eu me levantei para fazer-lhe um chá. Apenas isso, senhor curioso. Ou o senhor imaginou que eu estava de pé para esperá-lo?

JUCA - Não, não... a tanto não chega a minha pretensão.

CLARA - Sabe que eu estou curiosa a

CLARA - (CONT.) da história que o senhor prometeu me contar?

JUCA - Eu prometi lhe contar uma história, dona Clara?

FAUSTINO - Diz ela que você chegou aí com um lenço de senhora, prometendo contar a história de como ele veio ter às suas mãos.

JUCA - Ah, sim, sim... É verdade. Agora me lembro. Pois houve uma verdadeira batalha entre as senhoras dona Laura e dona Rosinha por causa dos seus lenços.

CLARA - Discutiram?

JUCA - Não, não... ao contrário. Cada uma elogiava mais o lenço da outra, mas convencida que o seu bordado estava mais bem feito.

FAUSTINO - A velha tática das mulheres. E para chamar a atenção sobre o seu, apresenta-o, dizendo: (imita voz de mulher e tregeitos) o meu não é tão bonito nem tão bem bordado como o teu. Tú tens mãos de fada, querida!

JUCA E CLARA COMEÇAM A RIR DA IMITAÇÃO

JUCA - Olha o publicista como me saiu um belo ator de teatro!

CLARA - Mas e depois? Continua. Estabeleci da a contenda, de que modo foi ela resolvida.

JUCA - No mais acerbo da luta, fui chamado para juiz da questão. Percebi logo que o lenço de dona Rosinha era de cambraila mais fina e mais bem bordado, mas não tive a menor dúvida em dar ganho de causa a dona Laura.

FAUSTINO - Não foi justo. Você devia dar ganho a quem em verdade o merecia.

JUCA - Havia de ter muita graça eu deixar fugir a ocasião de humilhar dona Rosinha, para vingar-me das muitas que ela já me fez.

CLARA - (feliz) Ela deve ter ficado muito de sapontada, não? Orgulhosa do jeito que é...

JUCA - Intimamente quero acreditar que sim, mas sou obrigado a confessar que sua fisionomia não deixou transparecer qualquer vestígio de emoção.

CLARA - É que ela, com certeza, ficou a pensar que o senhor não entendia de bordados.

JUCA - Pelo contrário. Fiz um exame ^{tão} detalhado e com tal riqueza de minúcias, que não ~~lhe~~ ^{devem} ter ~~ficado~~ dúvidas no espírito.

CLARA - Como foi que o senhor disse? Veja se se lembra...

JUCA - Quando eu cheguei estava o comendador Sancho com os dois lenços na mão, examinando-os para julgar. Opinou pelo das rosas que era naturalmente, o de Rosinha. Pediram minha opinião. Declarei que já conhecia o de dona Laura e puz-me a examinar o outro.

FAUSTINO - A examinar e a destruir?

JUCA - Não, não... grosseiro não fui. Lembro-me que disse assim: realmente o ~~lenço~~ é seguro, delicado e quasi toca a perfeição, acho, porem, infeliz, a escolha da cor azul ferrete para as flores e mal cabidas as cornucópias douradas numa guarnição tão leve e delicada. Dou o meu voto ao outro lenço.

CLARA - (rindo) Deve lhe ter cravado um espinho no coração.

FAUSTINO - Você vê como está feliz com a derrota de dona Rosinha? E depois diz que, intimamente, não tem nada contra ela. Não tenho eu.

CLARA - Ora, mano Faustino, acabe com ~~isso~~ por favor, sim?

Aqui →

BATEM PALMAS LA FORA. CLARA SE LEVANTA PARA ATENDER E VAI NA DIREÇÃO DA PORTA DA RUA. JUCA SE LEVANTA TAMBEM E VAI PARA O INTERIOR, DEPOIS DE HAVER FALADO.

JUCA - Bem, deixe-me ir lá na cosinha, ver se consigo um cafésinho com dona Bazília. (SAI)

CLARA - (F.Q.) Mas dona Irene, que prazer a senhora na minha casa! Que estará acontecendo? Vai haver outro dilúvio.

FAUSTINO AO OUVIR FALAR EM DONA IRENE, OLHA PARA O LADO DA PORTA, ESPANTADO, SE LEVANTA APRESSADO E SAI DISPARANDO PARA O INTERIOR.

CORTE

P.A. de CLARA e DONA IRENE, entrando.

PAN.HOR. vai com as duas até onde forem.

IRENE - Pois eu há muito tempo que estava para fazer-lhes uma visita. Agora ia passando e me lembrei. Vou entrar para saber como está dona Bazília.

CLARA - A mãe ontem de noite esteve um pouco amolada do estômago, mas hoje já está bem felizmente. A senhora sente-se que eu vou avisar a ela que a senhora está aqui.

DONA IRENE SENTA-SE NUMA CADEIRA E CLARA SAI PARA O INTERIOR. DONA IRENE COMEÇA A REPARAR TUDO, CHEGANDO MESMO A SE LEVANTAR. DE REPENTE, CORRE A SENTAR-SE. OUVIU PASSOS. MAL ELA SE SENTA, CHEGA CLARINHA.

CLARA - A mãe já vem. Está passando um pente nos cabelos.

IRENE - Ora, não era preciso fazer cerimônia comigo. Eu sou uma moça tão simples... Mas então? Como é que você vai, Clarinha?

CLARA - Vai-se vivendo como se pode, senhora dona Irene.

IRENE - E o moço de sua preferência

CLARA - Que moço? Eu não tenho nenhum...

IRENE - Não posso crer. Si eu tenho vários, você não vai ter um?

CLARA - A senhora terá outros atrativos que eu não tenho.

IRENE - Ora vamos! Deixe de ser tão modesta, ou então está querendo fazer segredo.

CLARA - De maneira alguma. Se digo que não tenho, é porque não tenho mesmo.

ENTRA DONA BAZILIA, TODA ARRUMADA MAS PASSANDO A MÃO NOS CABELOS.

BAZILIA - Desculpe a demora, dona Irene, mas eu estava cuidando uns suspiros no forno.

IRENE - E eu vim atrapalhar a senhora, não é mesmo?

BAZILIA - De maneira nenhuma. Veio me dar um grande prazer. A Clara vai cuidar os suspiros para mim, enquanto converso com a senhora. Vai, minha filha.

CLARA LEVANTA E SAI.

CLARA - Sim, mãe. Com licença, dona Irene.

IRENE - É sua, Clarinha, é sua. (Pausa. TOM) Pois dona Bazília, foi até bom que a senhora fez sair a Clarinha, porque eu tenho uma coisa muito importante para lhe dizer, mas saiba que é segredo absoluto.

BAZILIA - (curiosa) É mesmo, dona Irene? E o que é? Diga, diga.

IRENE - Dona Bazília, a senhora vai cair para traz com a revelação que eu vou lhe fazer.

BAZILIA - Não caio, não, que eu estou sentada. Mas diga, diga...

IRENE - Dona Bazília... eu estou amando.

BAZILIA - Não diga, dona Irene!

IRENE - É verdade, sim. Estou amando e amando desesperadamente!

BAZILIA - (achando graça, mas curiosa)

CORTE

P.P. de FAUSTINO, com a cabeça metida para dentro da sala, através do repositório que guarda a porta que vai para o interior da casa. *Abaixo está Clara es- cutando e por fim, Juca.*
FAN. VERT, passa por CLARA E termina em JUCA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de JUCA

BAZILIA - (CONT.) quem, dona Irene? A quem?

IRENE - Se a senhora promete guardar absoluto segredo...

BAZILIA - Prometo. Para a senhora dizer, eu prometo.

IRENE - Pois então eu vou dizer a quem...

Mas a senhora está certa de que estamos sós?

BAZILIA - *Estamos, sim.*

IRENE - ~~(F. Q.)~~ Está bem certa de que ninguém nos ~~ouvirá~~ *escutará?*

BAZILIA ~~(F. Q.)~~ Absolutamente certa. A senhora pode falar porque *ninguém nos ouve.*

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

Definido

R O S A

ROMANCE DE J. M. DE MACEDO,
NUMA ADAPTAÇÃO DE ERICO CRAMER

112 CAPÍTULO

PERSONAGENS:

IRENE.....	 	<i>Diva Gonçalves</i>
BAZILIA.....	Juracy Pinto	
CLARA.....	 	<i>Maria Luiza</i>
FAUSTINO.....	Cesar Magno	
JUCA.....	Gudy Emunds	
PAGEM.....	Nelson Silva	
MAURICIO.....	Nelson Gianuca	
ANASTÁCIO.....	Luiz Carlos Magalhães	
ROSA.....	 	<i>MARLENE NERY</i>

CENÁRIOS:

- 1º - SALA DE ESTAR DE DONA BAZILIA
2º - PARTE DA SALA DE VISITAS DE MAURICIO - (SET)
3º - QUARTO DE VESTIR DE ROSA - (Fundo neutro com apliques)

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

SLIDES:

ABERTURA em P.P. de IRENE, sentada
perto de dona Bazília, cenário da
- SALA DE ESTAR DE DONA BAZÍLIA -
AFASTAMENTO até enquadrar BAZÍLIA

CORTE

P.P. de FAUSTINO, com o corpo atrás da
cortina da porta que vai para o interi
or e a cabeça para dentro da sala.

PAN. VERT. passa pela cabeça de CLARA,
mais abaixo da de FAUSTINO e a seguir
para a cabeça de JUCA, abaixo de CLARA.

PAN. VERT. sobe ao ROSTO DE CLARA e a se
guir ao rosto de FAUSTINO, onde estão.

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

IRENE - Dona Bazília... eu estou amando!

BAZÍLIA - (depois de pausa, levando a mão
ao rosto) Não diga, dona Irene!...

IRENE - É verdade, sim. Estou amando e
amando desesperadamente!

BAZÍLIA - (achando graça, mas curiosa) E a
quem, dona Irene? A quem?

IRENE - Se a senhora promete guardar abso
luto segredo...

BAZÍLIA - Prometo. Para a senhora dizer eu
prometo.

IRENE - Pois então eu vou dizer a quem.
Mas a senhora está certa de que estamos
sós?

BAZÍLIA - Estamos, sim.

IRENE - (F.Q.) Está bem certa de que nin
guem nos ~~ouvirá~~ *escutará*?

BAZÍLIA - (F.Q.) Absolutamente certa. A se
nhora pode falar porque ninguém nos ouve.

IRENE - Pois bem, o rapaz a quem amo... é
o senhor JUCA.

AUDIO - LAÇAÇO MUSICAL

O JUCA FAZ UMA CARETA DE PAVOR E RECOLHE DE
PRESSA A CABEÇA, DESAPARECENDO ATRÁS DA COR
TINA DA PORTA. OS OUTROS DOIS LEVAM A MÃO À
BOCA, PARA NÃO RIR.

CORTE P.A. de IRENE e BAZILIA

BAZILIA - Dona Irene, desculpe, mas... eu tenho a impressão de que não ouvi muito bem... como é o nome do rapaz a quem a senhora ama?

IRENE - O senhor Juca, dona Bazília! O seu hóspede.

BAZILIA - Nossa Mãe!....

IRENE - A senhora se admira por que?!

BAZILIA - Bem... a... a senhora compreende... é... é que eu não esperava essa revelação. Tratando-se de um rapaz que mora na minha casa... e a quem eu quero quase como a um filho... a senhora compreende... a gente se emociona...

X IRENE - (ansiosa) E ele? E ele? O que é que a senhora acha?

BAZILIA - (chateada) Ah, não sei. Ele sabe que a senhora o ama?

IRENE - Não pode deixar de saber, dona Bazília. Tem que ler nos meus olhos. E a senhora sabe que ele me faz galanteios?

BAZILIA - Ah é?

IRENE - Sim. Todas as vezes que me encontra. Na última noite de voltarete em casa de Rosinha, ele foi objeto de uma aposta por parte dela e de Laura. Quando ele entrou eu disse assim para ele: vossa senhoria é um jovem muito venturoso. Sabe o que ele me respondeu?

BAZILIA - Não.

IRENE - (engrossando um pouco a voz) Oh, minha senhora, mesmo que eu me houvesse julgado infeliz até hoje, bastava estar gosando a presença de V.Excia neste momento, para considerar-me ditoso!

BAZILIA - (pensando alto) Ah, mas é bem feito.

IRENE - (extranhando) O que foi que a senhora disse?

BAZILIA - (querendo corrigir, atrapalhada)
Quer dizer?... foi... foi bem respondido...
isso é que eu queria dizer e me anganei:

IRENE - A senhora acha que um rapaz será ca-
paz de dizer isso a uma moça, se não gostar
dela?

BAZILIA - É... não sei... os rapazes em geral
são muito galanteadores... A gente não pode
acreditar muito neles; sabe dona Irene?

IRENE - Eu sei... eu sei... a quem o diz a
senhora!... Mas os olhos do homem que ama,
não conseguem esconder aquilo que sentem.
Eu não vou pelas palavras, dona Bazília, vou
pelos olhares. A gente vai muito mais segura.

Ele é um excelente rapaz; a senhora não acha?

BAZILIA - Claro. Se não o tivesse nessa con-
ta, não o hospedaria em minha casa, porque a fi-
nal eu tenho uma filha moça.

IRENE - É claro, é claro... Diga-me uma coisa
e a sua filha nunca sentiu qualquer inclina-
ção por êle?

BAZILIA - Acredito que não. Eu, pelo menos,
nunca notei coisa alguma. Eles são como irmãos.

IRENE - Pois bem, dona Bazília, então eu vou
lhe pedir um grande favor: que a senhora me
ajude.

BAZILIA - Mas o que é que eu posso fazer, do-
na Irene?

IRENE - A senhora pode dizer a êle que eu sou
uma moça muito boa, de família de grande des-
taque, de procedimento inatacável na socieda-
de, estimadíssima por todos os amigos e prin-
cipalmente uma moça rica, o que é muito impor-
tante para um rapaz que não dispõe sin-
temezada que o pai lhe manda. A senhora

CORTE

P.P. de FAUSTINO, completamente abobado, o rosto à frente da cortina.

APROXIMAÇÃO até G.P. de FAUSTINO

FUSÃO com G.P. de ANASTACIO, discutindo com MAURICIO num SET DA SALA DE VISITAS DE MAURICIO (Uma parte)

IRENE - (CONT.) isso para mim, dona Bazília faz?

BAZILIA - Bem, eu... eu posso conversar com ele... não me custa, mas... não me responsabilizo pelos resultados.

IRENE - Está bem... está bem... isso a senhora não precisa se preocupar, porque eu me responsabilizo.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ANASTACIO - Você, como pai, precisa tomar uma providência imediata, mano. Você não pode consentir num absurdo desses. Onde se viu uma moça bonita, rica, inteligente e cortejada como é Rosinha, dar-se ao desfruto de namorar um velho babão, completamente idiota como é o Comendador Sancho?

MAURICIO - O que minha filha tem, mano Anastácio, eu ainda não pude descobrir, mas asseguro-lhe que é mais fácil parar o sol do que Rosa estar enamorada do Comendador.

ANASTACIO - Não sei, não. Afianço-lhe que não sei. Rosinha tem a cabeça cheia de teias de aranha.

MAURICIO - Pois olhe, mano, eu confio no juízo dela e durmo descansado.

ANASTACIO - Pois comigo já o caso muda completamente de figura: se chego a dormir, tenho pesadelos horríveis.

MAURICIO - Você não suporta o Comendador, hein mano?

ANASTACIO - Mas pelo amor de Deus, Maurício, quem é que pode suportá-lo?

MAURICIO - Muito pai de família deseja-o para genro; é bom que você saiba disso.

ANASTACIO - Muito pobre diabo que só veja o seu título e a sua fortuna, acredito. Outra coisa não pode ser. E seja lá como fôr, eu não concordo com a sua passividade; sou tio de Rosinha e se o pai não toma uma providência num caso como este, comunico-lhe, desde já, que eu vou tomar.

MAURICIO - Pois tome. Não me oponho a isto. Apenas acho desnecessário aborrecer a menina por uma coisa que eu tenho certeza que não terá nenhuma consequência ruim.

ANASTACIO - Mais vale prevenir, do que remediar. É preferível aborrecê-la agora, enquanto há tempo para desviá-la do velho babão, do que mais tarde, quando ela, por uma das suas muitas extravagâncias, resolver aceitá-lo e casar-se com ele.

MAURICIO COMEÇA A RIR, SEM ESTARDALHAÇO.

ANASTACIO - Você está rindo, é? Pois olhe: eu lhe digo que o caso não é para rir. E queira Deus que amanhã ou depois, você não venha a chorar por causa disto.

MAURICIO - Não tenho nenhum réceo, mano. Você está exagerado demais nos seus temores.

ANASTACIO - Você não passa de um grande covarde, diante de sua filha. Isso é que é. Como não quer contrariá-la na mínima coisa, não se anima a chegar a ela e falar com energia, para acabar de vez com essa idiotice. Mas eu vou falar, porque não desejo sentir remorsos amanhã.

MAURICIO - Pois fale, mano. Eu já lhe disse que pode falar. Não me aborreço. Apenas não o faço simplesmente porque tenho certeza de que não há necessidade e não pelos motivos que você alegou.

CORTE

P.P. de ANASTÁCIO, indignado, mas contido.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANASTÁCIO, furioso.

FUSÃO com G.P. de PÁGEM, no meio do -QUARTO DE VESTIR DE ROSA - que está sentada à frente de um toilette antigo.

AFASTAMENTO até enquadrar ROSA.

ANASTÁCIO - Filha minha eu não deixaria nem dansar com aquele débil mental. Aquilo devia ser banido da sociedade. Chega a ser uma nódoa. Uma nódoa. Velho palhaço!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

PÁGEM - A Nhãnhã tá munto acupada?

ROSA - O que é que tú queres, Totônio?

PÁGEM - É que arrecemzinha veio aí um es cravo trazê essa calta pra intregá pra Nhãnhã e ele tá lá insperando pra sabê se tem reposta.

ROSA - Onde é que está a carta?

O PÁGEM AVANÇA COM UMA BANDEIJINHA ONDE ESTÁ A CARTA QUE ROSA RECOLHE E ABRE.

PÁGEM - Tá aqui, nhãnhã.

ROSA - Não é carta, é um convite. (LE em silêncio) É o convite para a festa do aniversário de Laura, na chácara de dona Juliana.

DOBRA O CONVITE E BOTA-O EM CIMA DO PENTEADOR.

ROSA - Diz ao escravo que está entregue, Totônio, que não tem resposta.

PÁGEM - Sim, nhãnhã, com licença.

O PÁGEM SE CURVA, RESPEITOSO E SAI PELO FUNDO

ROSA - (penteando-se) Essa festa na chácara está me deixando muito desconfiada. Isso deve ter uma finalidade com a qual eu ainda não atinei, mas que vou descobrir. Acho que o mais acertado, de minha parte, seria arranjar uma desculpa e não

CORTE

P.A. de ANASTÁCIO, no meio do quarto

PAN.HOR. vai com ANASTÁCIO até enquadra-
rar ROSA.

ROSA - (CONT.) cer. ~~.....~~. É fácil
arranjar uma indisposição de última hora.

ANASTÁCIO - Como vi o págem sair aqui de
dentro, deduzi que também poderia entrar
e aqui estou. Quero conversar um pouco com
tigo.

ROSA - (F.Q.) Pois não, titio, com o maior
prazer. Aproxime-se e sente-se.

ANASTÁCIO - Não preciso sentar, obrigado.
Estou bem de pé.

ROSA - Sabe que acabamos de receber um con-
vite para a festa de aniversário de Laura?
Vai ser na chácara de dona Juliana.

ANASTÁCIO - Então vamos ter mais despesas
em vestidos e flores; não é assim?

ROSA - Não, porque eu não vou, titio.

ANASTÁCIO - Não vai? E pode-se saber por quê?

ROSA - Pode-se. Simplesmente porque não que-
ro ir.

ANASTÁCIO - Ora não me venha com essa, por-
que eu não engulo, ouviu? A primeira papa-
festas, rejeitar um sarau, sem mais nem menos.

ROSA - Essas festas já começam a me aborre-
cer, é isso.

ANASTÁCIO - E então vai começar a desistir
justamente pela festa de sua melhor amiga?

ROSA - Meu tio, não há amizade sincera en-
tre moças solteiras, porque nós somos ou es-
tamos, sempre, em ponto de ser rivais e as ri-
vais, geralmente, tornam-se inimigas.

ANASTÁCIO - Com que então... minha sobrinha
e dona Laura são rivais?

ROSA - Eu não disse isto, meu tio. Falei em
têse, está claro.

ANASTÁCIO - Nesse caso, arranje outra razão
para rejeitar o convite de dona Laura, pois
eu não aceito.

ROSA - Pois bem, meu tio, eu então vou dizer a verdade: tenho a impressão de que Laura vai excluir dos seus convites uma pessoa a quem estimo muito.

ANASTÁCIO - Está no seu direito. Convida para a sua casa a quem bem lhe parece.

ROSA - Sem dúvida, mas eu também estou no meu direito de não aceitar o convite.

ANASTÁCIO - Mas vamos a saber: qual é a pessoa a quem tanto estima e que receia ver excluída dos convites?

ROSA - É o Comendador Sancho.

ANASTÁCIO - Óra francamente! Isso é o cúmulo! Não imaginei que minha sobrinha estivesse com o paladar tão estragado! E foi justamente para falar sobre ele, que vim aqui ao teu quarto. Isso precisa terminar o quanto antes, minha sobrinha. É uma loucura. Um ridículo!

ROSA - Creio que sou senhora do meu coração, tio.

ANASTÁCIO - Um homem que podia ser seu pai! Que conta mais de sessenta anos!

ROSA - Aos meus olhos parece um rapaz de vinte cinco.

ANASTÁCIO - Que não abre a boca senão para dizer asneiras. Um tolo e um vaidoso! Que não tem a menor dose de juízo.

ROSA - Nada disso importa e quanto ao juízo, dar-lhe-ei metade do meu.

ANASTÁCIO - (batendo o pé, como criança birrenta) Não quero que goste do Comendador. Não quero e não quero.

ROSA DESATA A RIR COM VONTADE E ENTRA O PÁGEM COM A BANDEIJINHA E UM CARTÃO DE VISITAS.

PÁGEM - Dá licença, nhãnhã?

ROSA - O que há, Totônio?

PÁGEM - Uma visita pra senhora.

ROSA TIRA O CARTÃO DA BANDEIJA, OLHA-O,
SORRI E DIZ.

ROSA - Diga ao cavalheiro que eu já vou.

PÁGEM - Sim, Nhãnhã. Com licença.

O PÁGEM SE CURVA RESPEITOSAMENTE E SAI.

ROSA SE LEVANTA, DA UMA RETOCADA NO CABELO.

ROSA - Com licença, titio. Eu vou receber
uma visita.

ROSA SAI. ANASTÁCIO VAI PARA A PENTEADEIRA
E OLHA O CARTÃO. FAZ UMA CARETA HORRIVEL.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANASTÁCIO

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

9/12/21

R O S A

ROMANCE DE J. M. DE LACEDO
EM ADAPTAÇÃO DE ERICO CRAMER

12º CAPÍTULO

PERSONAGENS:

COMENDADOR SANCHO..... Júlio Cesar
ROSA..... MARLENE NERY
• ANASTÁCIO..... L.C. Magalhães
JUCA..... Gudy Emunds
FAUSTINO..... Cesar Magno
CLARA..... MARIA LUIZA
IRENE..... Dwa Gonçalves
BAZILIA..... Juracy Pinto
PAGEM..... Nelson Silva

CENÁRIOS:

- 1º) - SALA DE VISITAS DE MAURICIO
- 2º) - SALA DE ESTAR DE DONA BAZILIA

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: - (Abertura)

ABERTURA em: P.P. de COMENDADOR, fa-
zendo posições para esperar ROSA, na
- SALA DE VISITAS DE MAURICIO -

AFASTAMENTO até P.M. de COMENDADOR

O COMENDADOR COMEÇA A ESTUDAR UMA POSI-
ÇÃO PARA POSTAR-SE, MUDANDO DUAS OU TRES

QUANDO ESTA FAZENDO A POSIÇÃO ENTRA O
PÁGEM DO FUNDO E ELE SE ASSUSTA.

O COMENDADOR, TODO RISONHO, ESFREGA AS MÃOS

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

SANCHO - Será que a senhora dona Rosinha
irá me receber? Estou tão nervoso que até
parece que aguardo, na antecâmara de um tri-
bunal, uma sentença de morte.

SANCHO - Será que assim estou bem para rece-
bê-la? Se tivesse um espelho, poderia julgar
melhor a minha postura. Talvez de pé fique
mais garboso... (levanta e faz a posição)
Ou então sentado mesmo (senta-se) mas numa
pose digna de um soberano.

SANCHO - Ah, é você? Assustei-me.

PÁGEM - Sô eu, sim, seu comendadô. Discurpe
se eu assustei vossa incelência. Numtive es-
sas tenção...

SANCHO - Está bem, está bem... já passou,
não impôrta. Que me mandou dizer a senhora
dona Rosinha?

PÁGEM - Mandô dizê prao sinhô insperá um mu-
cadinho, que ela já vai arrecebê o sinhô.

COMENDADOR - Muito bem... muito bem... Mas
ela não estava repousando? Eu não vim inter-
rompê-la?

PÁGEM - Não sinhô, ela tava arrumando os ca-
belo, mas já tava quasi pronta. Num dimora
tá aí.

COMENDADOR - Muito bem, muito bem, estou a-
visado.

PÁGEM - Com sua licença, sinhô Come

O PAGEM FAZ UMA MESURA RESPEITOSA E SE
RETIRA PARA O INTERIOR DA CASA.

COMENDADOR - Ela vai me receber! Dona Rosinha
vai me receber. O coração me dizia que eu se-
ria bem sucedido. (Faz pôse) É preciso prepa-
rar-me para recebê-la condignamente.

SENTA EM POSE DE GRANDE PERSONAGEM E VE
QUE O SAPATO ESTÁ DESAMARRADO. FICA ABOR-
RECIDO.

COMENDADOR - Óra que massada! Logo agora que
o meu sapato foi desamarrar-se. Custa-me tan-
to amarrá-lo... Se tivesse como chamar o págem
sem despertar a atenção dos demais....

OLHA PARA TODOS OS LADOS E VENDO QUE NÃO
TEM NINGUEM, TENTA CURVAR-SE SOBRE O SA-
PATO. NÃO CONSEGUE E SE LEVANTA, BOTANDO
O PÉ EM CIMA DE UMA CADEIRA E VIRANDO-SE
DE TRAZEIRO PARA A CÂMERA. E JUSTAMENTE
QUANDO ELE SE ENCONTRA NESSA SITUAÇÃO
CRÍTICA QUE ENTRA ROSINHA. ADMIRA-SE.

ROSINHA - Boa tarde, senhor Comendador.
SANCHO LEVA UM SUSTO TREMENDO E QUASI CAÍ.
APRUMA-SE, FINALMENTE E FALA TODO ATRAPA-
LHADO.

COMENDADOR - Óra, óra, desculpe-me, senhora
dona Rosinha. Desamarrou-se-me um sapato em
hora muito inoportuna. Muito boa tarde e per-
mita que lhe beije a mão em sinal de reconhe-
cimento, por me haver recebido.

SANCHO VAI BEIJAR A MÃO DE ROSINHA MAS ANAS-
TÁCIO ENTRA INOPINADAMENTE E ATACA O BEIJO
COM A SUA PRÓPRIA MÃO QUE ELE INTERPOE.

ANASTÁCIO - Minha sobrinha dispensa esses si-
nais de reconhecimento.

COMENDADOR - (agastado) Mas senhor, eu não vejo
razões para....

ANASTÁCIO - (Corta) Eu não quero que beij
mão de minha sobrinha e pronto.

ROSA SORRI PARA O TIO E MENEIA A CABEÇA

ROSA - Desculpe o meu tio, senhor Comendador. O senhor já conhece o gênio dele, portanto não deve extranhar. Venha sentar-se e conversemos.

ROSA SE SENTA NO SOFÁ E O COMENDADOR SE PREPARA PARA SENTAR AO LADO DELA, MAS ANASTÁCIO SE AFURA E SENTA PRIMEIRO O QUE FAZ COM QUE O COMENDADOR QUASI SENTE NO COLO DE ANASTÁCIO, O QUE NÃO ACONTECE PORQUE ESTE O EMPURRA.

ANASTÁCIO - Para lá... para lá... aqui não que já estou eu. Sente-se ali.

COMENDADOR MUITO SEM GRAÇA E SE CONTENDO, SENTA-SE NA CADEIRA PERTO. ROSA SORRI DISCREETAMENTE E MENEIA A CABEÇA.

COMENDADOR - Pois eu tomei a liberdade de vir saber da senhora dona Rosinha, se vai à festa da senhora dona Laura, para aceitar o convite recebido ou desculpar-me por não ir... se fôr o caso. Penso que o sarão não poderá ser lá grande coisa...

ANASTÁCIO - Parece-lhe? Pois minha sobrinha não pensa assim e está se preparando para dançar a noite toda.

COMENDADOR - Ah sim? Pois então peço-lhe, desde já uma valsa, minha senhora.

ROSA - Pois não, Comendador. Cedo-lhe a valsa com prazer. Sabe que eu estava a pensar que Laura seria capaz de não o convidar?

COMENDADOR - Pois recebi seu convite hoje pela manhã.

ANASTÁCIO - Ora, minha sobrinha, sinceramente... que ideia a sua!... Seria um contra-senso haver um baile, a que não fôsse o senhor Comendador. (Ironia) O bom gosto

ANASTACIO - (CONT.) sentir-se-ia ultraja
do. As senhoras mostrar-se-iam tristes, a
música pareceria desafinada e duas dúzias
de balas, pelo menos, ficariam sem estalar

O COMENDADOR OLHA PARA ANASTACIO E QUASI
LHE DÁ UMA RESPOSTA, MAS PENSA UM POUCO E
RESOLVE DESCONVERSAR. VIRA-SE PARA ROSA

COMENDADOR - Posso então contar em valsar
pelo menos uma vez com a senhora?

ANASTÁCIO - (rápido) Não, não pode. A mi
nha sobrinha torceu um pé e não poderá dan
sar.

ROSA - Já estou perfeitamente boa, meu tio
e pretendo dansar a noite toda.

COMENDADOR - Nesse caso, posso contar cer
to com uma valsa?

ROSA - Prometo-lhe duas, senhor Comendador

ANASTÁCIO OLHA MUITO ADMIRADO PARA ROSA E SE
LEVANTA FURIOSO, SAINDO DE CENA PELA CAMERA:

ANASTÁCIO - É o cúmulo! É o cúmulo! Esta
minha sobrinha não está muito boa da ca
beça! Não pode estar! Não pode estar!

COMENDADOR - O que é que houve com seu tio
a senhora pode me dizer?

ROSA - (sorrindo) Não faça caso. Não hou
ve nada. Ele é assim arruaceiro de nacen
ça.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSA

FUSTÃO com: G.P. de CLARA, com uma ban
deija na mão, esperando as chicaras de
cafesinho que Faustino e JUCA estão to
mando.

-SALA DE ESTAR DE D. BAZÍLIA-

AFASTAMENTO até enquadrar JUCA e FAUSTI
NO.

JUCA VIRA TODA A CHICARA E COLOCA-A NA
BANDEIJA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CLARA - Vocês reclamam que o café não es
tá bem quente e depois ficam horas com a
chicara na mão, antes de tomá-lo.

JUCA - Pronto, a minha está aqui. E a pro
va que estava frio mesmo é que o
todo de uma vez.

CLARA - Quando eu trago muito quente, vocês são os primeiros a reclamar. Dizem que eu faço gosto em pelar a língua de vocês e não sei mais que outras coisas.

FAUSTINO - Eu nunca reclamei por quente de mais, porque é como eu gosto.

FAUSTINO COLOCA A CHICARA NA BANDEIJA,

JUCA - Eu reclamo só para fazer movimento, porque para mim tanto faz que esteja frio como quente, eu não tenho dúvidas em tomar todo.

CLARA - (saindo para dentro) Bem faço eu que não dou ouvidos às reclamações. (SAIU)

FAUSTINO - Agora que Clara saiu, queres ouvir uma grande novidade?

JUCA - Fala.

FAUSTINO - Vou casar-me.

JUCA - Mas como? Se não tens vintem?!....

FAUSTINO - Por isso mesmo.

JUCA - Muito bem, e quando é o dia das núpcias?

FAUSTINO - Ainda não sei.

JUCA - Bem, e o que é que te falta?

FAUSTINO - Noiva.

JUCA - Bem, isso não é coisa de importância. O essencial é querer casar-se. A quem amas?

FAUSTINO - A ninguém. O que quero é me casar. O casamento, para mim, é um negócio como tantos outros. O motivo principal dele não é a mulher, é o dote.

JUCA - (Irônico) Muito bem... muito bem...

FAUSTINO - Portanto... não importa que a mulher seja feia ou bonita, moça ou velha.

JUCA - É claro. Pensando como você pensa, tem que ser assim mesmo.

FAUSTINO - Uma mulher sem dote, é um peso delo abominável! Uma mulher rica é

FAUSTINO - (CONT.) de ouro que abre todas as portas da política e da grandeza.

JUCA - Muito bem, mas... já tens alguma noiva rica de olho?

FAUSTINO - Tenho aqui uma lista delas: Dona Laura - moça, bonita, órfã com uma relação de bens de mais ou menos sessenta contos de reis. Tem ainda uma chácara a herdar, cujo valor deve ser de vinte quatro contos.

JUCA - Bravo! Estás bem informado. E as outras?

FAUSTINO - Dona Clarice, vinte seis anos, feia e coxa, mas com tios ricos e de quem será herdeira. - Dona Rosinha, filha do senhor Maurício...

JUCA - Ah, dona Rosinha também?

FAUSTINO - E por que não? É moça, bonita e rica e será, ainda, a herdeira única da fortuna do tio, o senhor Anastácio. Portanto... por que deixá-la de fora?

JUCA - Tem razão, tem razão. Adiante.

FAUSTINO - Dona Irene - viuva, quasi sessenta e cinco anos, dentadura postiça, cabelos pintados, horivelmente feia e presumçosa, mas com quatrocentas apólices de conto de reis, casa própria, carruagem e sem dívidas. De todas da lista, é o melhor partido.

JUCA - Mas então por que não te candidatas logo?

FAUSTINO - Porque ela gosta é de ti.

JUCA - Gosta coisa nenhuma. Aquela velha maluca quer é casar-se. Se te apresentas candidato, afianço-te que ela nem vacila.

FAUSTINO - Bem; mas a verdade é que precisas desiludir dona Irene e não deixá-la numa vaga esperança, como fazes com todas.

JUCA - Ora não me amola, Faustino.

FAUSTINO - Estou te falando a verdade, caro. E vou te dizer mais...

JUCA - Diz.

FAUSTINO - Se tú não me deixares a velha so-
cegada, na primeira oportunidade em que es-
tivermos juntos, arranco-te a máscara.

JUCA - Está bem, podes fazer o que quizeres,
o que te digo é que não me assusto de amea-
ças e só para ver o que serás capaz de fazer
sou bem capaz de alimentar a esperança de
dona Irene.

FAUSTINO - Pois então faz e verás que hás
de me conhecer mais a fundo. E na primeira
oportunidade; não te esqueças.

APROXIMAÇÃO até G.P. de FAUSTINO, rei-
voso.

FUSÃO com: P.P. de D. IRENE, noutra
extremidade da mesma sala, sendo re-
bida por Dona Bazília.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

IRENE - Como vai a senhora, está boasinha?

BAZILIA - Muito bem, felizmente, dona Irene,
mas sente-se.

AS DUAS CAMINHAM PARA OS LUGARES MARCADOS
E SENTAM-SE.

BAZILIA - Não repare que eu estou assim desa-
rumada, porque eu estava trabalhando...

IRENE - Ora, esteja à vontade. Não se cons-
tranja comigo. Eu sou uma moça simples. Mas
como vão os filhos, bem?

BAZILIA - Muito bem, felizmente.

IRENE - E o senhor Juca?

BAZILIA - O Juca foi experimentar um novo
casaco. Creio que só para o jantar estará
de volta.

IRENE - Que pena! Gostaria de vê-lo. Bem,
dona Bazília, a minha demora é muito pouca.
Eu vim apenas trazer à senhora e aos filhos
um convite para a festa de dona Laura, na
chácara da senhora dona Juliana. Eu disse à

IRENE - (CONT.) Laura! eu quero que você con-
vide para a sua festa a senhora dona Bazília
e os filhos. Ela, então, me fez portadora do
convite.

BAZÍLIA - Ah, muito obrigada pela sua lembrança... a Clarinha vai ficar satisfeita de poder assistir uma festa assim...

IRENE - Mas a senhora também vai, não é?

BAZÍLIA - Naturalmente irei acompanhá-la.

IRENE - Sim, porque eu conto com a senhora lá, para me ajudar naquele assunto que eu lhe falei. (Levanta-se) Bem, e agora eu vou indo que a costureira está à minha espera para experimentar o novo vestido que mandei fazer. Adeusinho, dona Bazília. (beija-a)

BAZÍLIA - Adeusinho, dona Irene e mais uma vez, obrigada.

IRENE - Ora, não tem de que. A senhora merece

BAZÍLIA ACOMPANHA DONA IRENE ATÉ A PORTA.

IRENE SAI. BAZÍLIA VOLTA E SE ENCONTRA COM
FAUSTINO QUE VEM DE DENTRO DE CASA.

FAUSTINO - Quem é que estava aí?

BAZÍLIA - A dona Irene.

FAUSTINO - A dona Irene?! Ora, que pena que eu não vi!

BAZÍLIA - Veio trazer um convite para irmos à festa de dona Laura, na chácara de dona Juliana.

+ FAUSTINO - Um convite? E ele... ele é extensivo a mim?

BAZÍLIA - Naturalmente. Ela teve até o cuidado de especificar. Um convite para a senhora e para os filhos. (TOM - SAINDO) Bem, deixe-me continuar o meu serviço que já ficou todo atrasado.

BAZÍLIA SAI E FAUSTINO FICA ANTECOSANDO A VINGANÇA QUE PROMETEU A JUCA, SORRINDO SÁDICO.

FAUSTINO - Chegou mais depressa do que eu esperava, a oportunidade de tirar uma desforra de Juca. E desta vez ele vai me pagar por todas. Por todas!...

APPROXIMAÇÃO até G.P. de FAUSTINO

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

81.

URGENTE

R O S A

ROMANCE DE J. M. DE MACEDO, EM
ADAPTAÇÃO DE ERICO CRAMER.-

13º CAPITULO

PERSONAGENS:

ROSA.....	MARLENE NERY ✓
LAURA.....	MARIA KATIRA
IRENE.....	DIVA GONÇALVES ✓
PROFESSORA.....	DINA PERES
JUCA.....	GUDY EMUNDS
FAUSTINO.....	CEZAR MAGNO ✓
COMENDADOR SANCHO.....	JÚLIO CÉZAR ✓
ANASTÁCIO.....	LUIZ CARLOS MAGALHÃES ✓
1º CONVIDADO - (c/ falas).....	<i>Cláudio Luiz</i> ✓
2º CONVIDADO - ".....	<i>Ant. Carvalho</i>
3º CONVIDADO - ".....	<i>Heitor Dias</i>
4º CONVIDADO - ".....	<i>Belino Romero</i>

CENÁRIO:

UM AMPLO TERREIRO COM FUNDO DE CAMPO E RIACHO, COM ÁRVORES
À ESQUERDA, FORMANDO UM PEQUENO BOSQUE E, À DIREITA, UM AM
PLO AVARANDADO DE CASA COLONIAL, COBERTO DE TELHAS TENDO UMA
PORTA AO CENTRO E UMA JANELA DE CADA LADO, DANDO PARA A GRAN
DE SALA. ESTE AVARANDADO É SOBRE PRATICÁVEIS, DESCENDO-SE
DOIS DEGRAUS PARA CHEGAR AO TERRERO. NO FUNDO, SEPARANDO O
PAINEL DO TERREIRO UM MURO DE PEDRA DE UM METRO DE ALTURA,
COM PORTÃO COLONIAL AO CENTRO. ESSE PORTÃO SERÁ USADO.

SLIDES: (Abertura)

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em DET de uma bandeija com
3 copos de refresco, em cima de uma
mesinha de ferro com três cadeiras. Algu

mas mãos entram em quadro e tiram os
copos da bandeija.

AFASTAMENTO até P.M. de ROSA, no meio
de DOIS CONVIDADOS. ~~XXXXXXXXXXXX~~

ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE, FORA E
MUITA ILUMINAÇÃO NA PORTA E JANELAS
DO AVARANDADO QUE DÃO PARA O INTERIOR

VIDEO - NOITE NA RUA.

ROSA - Creio que vamos ter uma festa muito
animada, a julgar pelo número de convida-
dos que estão presentes.

1º CONVIDADO - E a ceia, segundo ouvi di-
zer, vai ser de excelente qualidade.

2º CONVIDADO - Mas não basta que seja exce-
lente, deve ser farta, também.

ROSA - Pelo que se deduz das preocupações
de um e de outro, é que os senhores são
dois perfeitos glutões.

1º CONVIDADO - Eu a tanto não chego, mas de-
vo dizer que aprecio muito uma boa ceia.

2º CONVIDADO - Pois eu confesso que uma
ceia boa e farta é, para mim, depois das
senhoras, é claro, o que de mais interes-
sante pode haver numa festa.

ROSA - Pois então pode estar descansado
porque a senhora dona Juliana é tida e ha-
vida como excelente amfitriã. Seus dotes
culinários são decantados por todos.

CORTE

P.M. de OUTRO GRUPO, formado por LAU-
RA no meio de DOIS CONVIDADOS, falando

LAURA - Quando manifestei meu desejo de
oferecer um sarau às nossas amigadas, Vó
vó imediatamente lembrou-se de o fazermos
aqui na chácara, onde o calor seria mais
ameno.

3º CONVIDADO - Foi uma ótima lembrança, sem dúvida.

4º CONVIDADO - É claro. Além do lugar ser pitoresco, pode-se estar ao ar livre, sem que se fuja da festa.

LAURA - É evidente que na cidade tudo ficaria mais fácil para quem organiza um sarau com tantos convidados, mas Vóvó é admiravelmente animosa. Imaginem os senhores que enquanto eu me ocupei com pequeninos detalhes de toilette e um ou outro arranjo de flores, ela esboçou e fez executar tudo mais, inclusive o "buffet" que os senhores, mais tarde, terão ocasião de apreciar.

3º CONVIDADO - Dona Juliana é reconhecida por todos como senhora de muitas prendas. Sempre foi.

4º CONVIDADO - O banquete que oferecem ao Senhor do Engenho de Canavieiras, fala-se nele até hoje.

3º CONVIDADO - A fama dos seus pasteis de Santa Clara, acho que não exarero se disser que percorre o Brasil inteiro.

LAURA - E a rapidez com que os faz, é digna, realmente, de admiração.

CORTE

P.M. de TERCEIRO GRUPO, formado por IRENE, FAUSTINO e ANASTACIO, noutra ponta da mesma cena.

IRENE - Com que então o senhor Anastácio não se dedica muito ao esporte da dança?

ANASTACIO - Não me dedico nada, porque não danço.

IRENE - E por que? Não o aprecia?

ANASTACIO - Não é que não o aprecie, propriamente. Acho a dança muito interessante, mas... (intenção) para os moços

IRENE - Mas o senhor não deve considerar-se, velho, senhor Anastácio.

ANASTACIO - E por que não, se tenho consciência que o sou?

IRENE - Não lhe parece que o senhor Anastácio exagera, senhor Faustino?

FAUSTINO - Senhora dona Irene, acho que cada um sabe como se sente; não é assim?

ANASTACIO - Eu acho preferível considerar-me velho e que os outros achem que há exagero, do que imaginar-me moço e troçarem de mim pela minha ridícula pretensão.

IRENE - (meio sem graça) Bem... quanto a isto não resta dúvidas, efetivamente.

FAUSTINO OLHA PARA O AVARANDADO E FAZ CARA DE
POUCO AGRADO AO TEMPO QUE FALA PARA IRENE

FAUSTINO - Acaba de chegar o homem mais requestado dos nossos salões.

CORTE

P.A. de JUCA, no avarandado, olhando para fora, eufórico e sorridente.

CORTE

P.M. do GRUPO de IRENE

IRENE - Mas ele é, indubitavelmente, um rapaz encantador.

CORTE

P.A. de JUCA, cumprimentando na direção do Grupo de ~~ROSAX~~ LAURA

CORTE

P.A. de ROSA, que está sorrindo e, de repente, cessa de rir, ficando a observar ansiosa o que está se passando perto.

QUANDO ELA PARA DE RIR, OS DOIS CONVIDADOS, AUTOMATICAMENTE, OLHAM NA DIREÇÃO DO OLHAR DELA.

CORTE

P.A. de LAURA, respondendo ao cumprimento e ficando a sorrir e olhar na direção de Juca. Os dois convidados que estão com ela, procedem da mesma forma que os outros.

CORTE

P.M. de JUCA, na porta do avarandado, olhando e percebendo o que se passa.

JUCA AVANÇA, DESCE OS DEGRAUS DO AVARANDADO E SE ENCAMINHA PARA O GRUPO ONDE ESTÁ DONA IRENE. CURVA-SE À FRENTE DELA E BEIJA-LHE A MÃO.

JUCA - Mas então, como está a formosa senhora dona Irene?

IRENE - (derretida) Óra, por favor, senhor Juca!... Formosa eu?! Com tantas outras que se destacam pela beleza e pela elegância, é a mim que o senhor vem chamar de formosa?

JUCA - E por que não? Nenhuma delas se destaca mais do que a senhora dona Irene.

IRENE - O senhor Juca é o galanteador mais perigoso dos nossos salões, em face do tom de seriedade que êle consegue imprimir aos seus galanteios.

ANASTÁCIO OLHA COM CARA ENJOADA PARA IRENE E SAI DO GRUPO SACUDINDO A CABEÇA EM REGRIMINAÇÃO
FAUSTINO OLHA PARA OS DOIS COM AR ENIGMÁTICO.

JUCA - Eu não faço, galanteios, senhora dona Irene, apenas digo verdades e se me quiser dar a honra de um passeio pela sala, há de verificar o quanto me sentirei orgulhoso de exibir, aos que ali estão, a sua beleza e a sua elegância.

IRENE FICA TODA SATISFEITA, RETORCENDO-SE.

JUCA - E então? Aceita?

IRENE - Poderá alguém resistir à tentação de passear ao lado de um mancebo tão galante? (A Faustino) Com licença, senhor Faustino.

FAUSTINO - (com olhar de quem está gosando intimamente uma vingança) Vá.

IRENE EXTENDE A MÃO A JUCA QUE LHE OPERECOE O BRAÇO, ENTRANDO OS DOIS PARA A SALA ILUMINADA. FAUSTINO

NO FICA OLHANDO PARA OS DOIS. ENTRA EM QUADRO, OLHANDO NA DIREÇÃO EM QUE ELAS SAIRAM, LAURA, COMPLETAMENTE DESORIENTADA. PARA PERTO DE FAUSTINO QUE OLHA PARA ELA SIGNIFICATIVAMENTE E TORNA A OLHAR PARA A PORTA DA SALA POR ONDE SAIRAM

CORTE

P.A. de ROSA, com os convidados.

ROSA - Rogo aos senhores que me concedam licença por alguns instantes.

OS DOIS SE LEVANTAM AO MESMO TEMPO E ENQUANTO UM AFASTA A CADEIRA PARA ELA SAIR, O OUTRO FALA

1º CONVIDADO - É toda sua, senhora.

PAN.HOR. vai com ROSA até o GRUPO formado por LAURA E FAUSTINO.

ROSA - (gosando intimamente a amiga) É deveras desconcertante a atitude do senhor Juca não lhe parece, Laura?

LAURA FAZ UM GESTO, EMBARAÇADA, SEM SABER O QUE RESPONDER. ROSA SE DIRIGE A FAUSTINO.

ROSA - E ao senhor, o que lhe parece a atitude do seu amigo?

FAUSTINO - Minhas senhoras, há neste mundo homens insolentes, homens sem generosidade, que zombam do mais sagrado dos sentimentos e fingem amar para serem amados; e que somente querem ser amados para ostentar, na presença dos amigos, o seu triunfo sobre os corações das incautas que nele acreditam.

LAURA - (Admirada) Deveras, senhor Faustino?

ROSA FICA A OLHAR PARA FAUSTINO, IRÔNICA, DUVIDANDO

FAUSTINO - E está neste caso o nosso estudante senhor Juca, que se ufana de ter ^{um trono} no coração de cada uma das senhoras.

ROSA - (desdenhosa) Um trono? (ri com desdenho)

FAUSTINO - (ferino) Tratando-se da senhora dona Rosinha, por exemplo, ele se gaba de haver recebido dela um bilhete amoroso.

AUDIO - PONTADA FORTE E AGUDA.

LAURA DESATA A RIR COM VONTADE, GOSANDO.

ROSA - (enjoada) E esse nobre mancebo não terá lido aos seus amigos o meu bilhete?

FAUSTINO - Não chegou a esse extremo. Contentou-se em repetir o seu conteúdo.

LAURA - E era muito terno? Snr. Faustino?

FAUSTINO - Ah, minha senhora, palavra de honra que juca não merecia tanto.

LAURA DÁ NOVA GARGALHADA E ROSA ESTÁ FERIDA.

LAURA - (parando de rir) Tú coras, Rosinha?

ROSA - (ferida) Sim. Lastimo mais este de sengano. Sinto que seja caluniador um homem que sempre imaginei com honra.

LAURA - (fingida) Tem paciência, querida, estamos todas expostas a estes contratempos.

FAUSTINO - (para Laura) Com efeito. A senhora também sofre zombarias por parte do Senhor Juca.

AUDIO - PONTADA FORTE E AGUDA

LAURA - Zombarias?!

FAUSTINO - Diz ele que morava no segundo andar da casa de sua avó e conta coisas admiráveis sobre uma enfermidade que a senhora sofreu e na qual ele teve a glória de ser seu enfermeiro.

LAURA - Basta, senhor. Com licença.

ROSA - Com licença.

ROSA SAI E VAI PARA O INTERIOR, PELO AVARANDADO.

LAURA DA-LHE AS COSTAS, ALTIVA E SE DEBRUÇA NO MURO DO FUNDO. FAUSTINO FAZ UM GESTO DE NÃO COMPREENDER. E DÁ DE OMBROS AO TEMPO QUE PALA.

FAUSTINO - Não faz mal. Estou vingado.

FAUSTINO VAI PARA DENTRO DO SALÃO, SORRINDO.

AUDIO - ROMPE NA SALA UMA VAISA VIENENSE DAS MAIS ANTIGAS QUE HOVER NA DISCOTECA

CORTE

P.A. de LAURA, voltando-se a pensar alto.

LAURA - Embora ele tenha se mostrado um falso amigo, o outro também procedeu feio com

LAURA OLHA PARA A PORTA E DESVIA DEPRESSA O
OLHAR PARA QUALQUER OUTRO PONTO.

CORTE

P.A. de JUCA, no avarandado, olha
do para onde está ~~XXXX~~ Laura.

JUCA SE ENCAMINHA LENTAMENTE PARA ELA. ELA
SE VIRA DE COSTAS, SEM FAZER O GESTO BRUSCO
PAN.HOR. acompanha JUCA até enquadrar
LAURA.

JUCA - É chegada a feliz hora.

LAURA SE VIRA E ENCARA-O SERIA POR UM MOMENTO

LAURA - (depois de pausa) Não danso.

JUCA - (embaraçado) Bem, mas... se ao me
nos eu pudesse compreender...

LAURA - Pois já devia ter compreendido
que faria muito bem em procurar outra se
nhora para dansar.

AUDIO - PONTADA FORTE E AGUDA

JUCA FAZ UMA REVERENCIA A LAURA E SAI PARA DEN
TRO. NO AVARANDADO ENCONTRA FAUSTINO. ESTÁ GOSAN
DO O SUCEDIDO, SORRINDO IRONICAMENTE PARA JUCA.
JUCA ENTÃO COMPREENDE TUDO.

JUCA - Pelo que vejo... cumpreste a tua
palavra; não publicista? Mas toma cuida
do porque eu vou tirar sôbre ti uma boa
desforra. Podes contar com ela.

FAUSTINO RI, SATISFEITO E DESCE PARA O TERREIRO,
SAINDO DE QUADRO. JUCA VAI PARA O FUNDO DO AVA-
RANDADO, PENSANDO. SURGE, DA SALA, ROSA QUE SE
PARA JUNTO AO AVARANDADO, OLHANDO, MELANCOLICA,
PARA FORA. ELA NÃO VIU JUCA. ESTE A OBSERVA UM
MOMENTO E VAI A ELA.

JUCA - Minha senhora, por mais indigno
que me julgue para merecer a sua confian
ça, atrevo-me a perguntar-lhe a causa da
sua melancolia.

ROSA - Senhor, por mais indiferentes que
sejamos hoje um para o outro, não é

ROSA - (CONT.) sível negar que houve, em nossas vidas, uma época em que nos estimamos.

JUCA - (triste) É verdade.

ROSA - Pois então, rir dessa época... zombar dela... fazê-la servir de divertimento aos seus amigos... olhe que é bem triste.

JUCA - (admirado) Mas senhora, eu juro...

ROSA - (corta) Não jure. E nem mais uma palavra sobre o assunto. Com licença.

ROSA VAI PARA O INTERIOR DA SALA, DEIXANDO JUCA, ATONITO. ESTE SAI PARA O TERREIRO. ANASTACIO VEM DE DENTRO E SE COLOCA PERTO DE JUCA. VOLTA ROSA COM SANCHO E PARAM NO AVARANDADO.

CORTE

P.A. de ANASTACIO que se dirige ao JUCA.

ANASTACIO - Eu não posso com aquele velho bobo, metido a conquistador.

JUCA - É um velho ridículo, um miserável!

ANASTACIO - Ora até que enfim de alguma forma nos entendemos! Veja. Mal o baile começou e ele está que nem aguenta os sapatos nos pés, mas vai dansar a noite toda para fingir de resistente.

CORTE

DET. Do pé do COMENDADOR fora do sapato e o mesmo solto na varanda.

CORTE

P.A. de JUCA e ANASTACIO

JUCA - Espere. Vamos pregar-lhe uma peça da qual ele vai se lembrar durante muito tempo.

JUCA VAI SE ESGUEIRANDO E CHEGA ATE O AVARANDADO, PEGANDO O SAPATO DO COMENDADOR. PEGA UMA VELA DE UM CANDELABRO E ESPREGA-A NA SOLA E NO SALTO DO SAPATO E DEIXA-O EM BAIXO. ANASTACIO COSA. JUCA SOLTA O SAPATO E FAZ UM SINAL PARA ANASTACIO. ANASTACIO VAI AO GRUPO E OS DOIS SEGREM ALGO. ENQUANTO JUCA ENTRA NO SALÃO, ANASTACIO VAI A ROSA.

AUDIO - PARA A MÚSICA NA SALA.

ANASTÁCIO - Minha querida, gostaria que pedisses licença ao Comendador para ouvir duas palavras que lhe tenho a dizer.

• ROSA - Pois não, titio. O senhor Comendador me permite?

• SANCHO - Como não? Como não? Ficarei a aguardá-la.

ROSA E ANASTÁCIO SAEM PARA O TERREIRO. ANASTÁCIO FICA SÓ.

• SANCHO - Ele tinha que tirar dona Rosa de perto de mim. Velho antipático!

SANCHO PROCURA O SAPATO E NÃO O ENCONTRA.

• SANCHO - Meus Deus!... O meu sapato onde está? Que ridículo enorme eu vou fazer sem ele!...

• COMEÇAM A VIR PARA O TERREIRO, AOS PARES, OS EXTRAS TODOS DO PROGRAMA, MAIS LAURA, IRENE E FAUSTINO. TODOS SE COLOCAM POR PERTO DE SANCHO, MAS NO TERREIRO. SANCHO ENCONTRA O SAPATO E MUITO AFLITO APANHA-O E COMEÇA A ENFIÁ-LO NO PÉ. SURGE JUCA COM A PROFESSORA PELO BRAÇO. FINGE TORCER UM PÉ.

AUDIO - RECOMEÇA A MÚSICA, NA SALA.

JUCA - Oh meu Deus, que falta de sorte! Justamente agora que eu ia dançar com a senhora professora, havia de torcer um pé. Mas felizmente há um mancebo que poderá me substituir. Quer me fazer esse favor, Comendador Sancho?

SANCHO OLHA PARA A PROFESSORA E FAZ UMA CARA DE POUCOS AMIGOS.

SANCHO - Si ela aceitar a substituição...

PROFESSORA - (cara de quem não gostou)

~~PROFESSORA~~ Está bem... Aceito...

SANCHO OPERECE O BRAÇO PARA A PROFESSORA. QUANDO VAI ANDAR, ESCORREGA. PARA NÃO CAIR AGARRA-SE NE LA E CAEM OS DOIS NO AVARANDADO. GARGALHADA GERAL. QUANDO ELE CONSEGUE LEVANTAR-SE FAUSTINO LHE AL CANÇA A DENTADURA, SEGURANDO-SE PARA FALAR SÉRIO.

ANASTACIO - Comendador, isto é seu. Na queda o senhor deixou cair.

O COMENDADOR COM A BOCA TODA FRANZIDA SEGURA A DENTADURA E DANDO AS COSTAS PARA A CAMERA, COLOCA-A DEPRESSA. TODOS SE AFASTAM RINDO. ELE TIRA O SAPATO DO PE E OBSERVA A SOLA DO SAPATO.

SANCHO - Eu logo vi! Isto nunca me aconteceu. Puzeram sebo na sola do meu sapato. Ah que se eu soubesse quem foi!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de SANCHO.

AUDIO - MÚSICA DE ENCERRAMENTO.

R O S A

ROMANCE DE J. M. DE MACEDO, EM

ADAPTAÇÃO DE ERECO CRAMER.-

14º CAPÍTULO.

PERSONAGENS:

JUCA.....

ROSA.....

MAURICIO.....

CLARA.....

ANASTÁCIO.....

BAZILIA.....

COMENDADOR SANCHO.....

D. IRENE.....

PÁGEN.....

CENARIOS:

1º) SALA DE ESTAR EM CASA DE DONA BAZILIA.

2º) SALA DE VISITAS DE MAURICIO COM JARDIM DE INVERNO.

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: (Abertura)

ABERTURA em P.P. de *Clara* ~~Bazília~~, de aventalão, costurando uma meia com um ovo dentro.

AFASTAMENTO até *p.m. de* ~~encadernar~~ CLARA, sentada, perto, ~~hondando~~ no bastidor.

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

Clara
~~BAZÍLIA~~ - Eu acho que os sapatos do Faustino devem ter algum prego no calcanhar.

Todas as meias dele se rasgam no mesmo lugar. (Pausa) *Mas também se tivesse prego*

ele havia de sentir machucadas o pé. Deve ser, então, a maneira de pisar. Mas a verdade é que, se não for isto ou por aquilo, quando

~~CLARA~~ - Ora, nem aí, se o Faustino tivesse um prego no sapato não havia de sentir?

Tinha que machucar o pé. É trabalho bem suado, e me perdi!

~~BAZÍLIA~~ - Bem, isso é verdade. Mas então deve ser da maneira de pisar.

~~CLARA~~ - Claro que é.

é que, ~~BAZÍLIA~~ - Seja por isto, ou por aquilo, *quant* verdade é que ele tira um par de meias dos pés e eu já tenho que servi-las.

CONTRA REGRA - SININHO DE PORTA

~~CLARA~~ - Quem será?

~~BAZÍLIA~~ - (BAIXANDO O TOM) Espia, minha filha. Se for, ~~minha visita eu tenho que~~ fugir porque não estou em condições de receber ninguém. Até despendente estou.

CLARA VAI À PORTA E ESPIA PARA FORA.

CORTE

P.A. de IRENE, para uma câmara que tenha uma máscara em feitiço de fe chadura - FUNDO NEUTRO.

CORTE

P.A. de CLARA, inclinada para a fe chadura, falando em meio tom para D. Bazília.

Clara - É a dona Irene. Será que mamãe vai querer recebê-la, a esta hora?

Clara vai à porta de dentro e chama
eu meio tom

Mamãe, dona Irene está
~~CLARA~~ - (MEIO TOM) É a dona Irene. *ai a senhora* quer recebê-la?

~~DONA BAZÍLIA SE LEVANTA LIGEIRO, PARA SAIR E LOGO QUE~~ *que eu não estou bruciada nada. (Pausa)*

~~DA A PÁRA, SOME PARA O INTERIOR~~ *que eu não estou bruciada nada. (Pausa)*
~~BAZÍLIA~~ - (SAINDO) Você pega desculpas a ela e diga que eu estou indisposta, minha filha. (SAÍDO)

CLARA ARRUMA OS CABELOS E ABRE A PORTA.

~~CLARA~~ - (ENGINDO SURPREZA) Mais, é a dona Irene! Como vai a senhora? Entre!

~~IRENE~~ - Eu vou bem, obrigada. Você está boazinha?

~~CLARA~~ - Como Deus quer, vou vivendo.

~~IRENE~~ - E sua mãe como está?

CLARA - Mãe hoje está muito amolado, a pobre. Com uma dor de cabeça que não pode nem abrir os olhos!

IRENE - Ora, a coitada!

CLARA - Mas sente-se, por favor.

IRENE SENTA, ABRE O SAQUINHO QUE LHE SERVE DE BOLSA, OLHA-SE NUM ESPELHINHO E ARRUMA O PASTÃO.

IRENE - Eu estava com saudades de todos, resolvi fazer uma visitinha.

CLARA - Ah, muito obrigada, a senhora é muito amável!
ENTRA JUCA, DE DENTRO, TODO PREPARADO PARA SAIR.

JUCA - Oh, mas que surpresa agradável! Como vai a senhora dona Irene? Sempre machucando corações?

IRENE - Ora, senhor Juca, não diga uma coisa dessas. Quem sou eu?

JUCA CURVA-SE NA FRENTE DELA, BEIJA-LHE A MÃO E SENTA-SE, FAZENDO, ANTES, SINAL A CLARA QUE SAIA DA SALA. CLARA ABA NA LEVEMENTE A CABEÇA DIZENDO SIM.

IRENE - Se ainda fôsse tão bonita como dona Rosinha ou dona Laura, poderia ser... mas pobre de mim.

JUCA - Pobre daqueles que se deixam enfeitiçar pelos seus olhos, isto sim.

IRENE - Meus olhos nem são bonitos...

JUCA - Como não são?

CLARA - A senhora me dá licença um momentinho dona Iren. Eu vou avisar mãe que a senhora está aqui. Pode ser que ela se anime e levante um pouquinho. (CLARA SAI PARA O INTERIOR)

IRENE - Não, Clara, deixe a coitada repousar, ela está indisposta. (PAUSA E TOM) Mas então o senhor diz que acha os meus olhos bonitos? Como posso saber se fala a verdade?

JUCA - Olhando para os meus.

IRENE TENTA OLHAR, MAS ENCABULA E VIRA A CABEÇA, DE OLHOS BAIOS, SEM GEITO, QUAL TÍMIDA DONZELA.

JUCA - Que foi? Meus olhos atemorizaram os seus?

IRENE - Não, senhor Juca, não. É a emoção deste momento que me rouba o fôlego. Não imaginei... nunca poderia imaginar, de poder inspirar um sentimento mais forte a um rapaz como o senhor.

JUCA PEGA A MÃO DE IRENE E LEVA AOS LÁBIOS COM ARES DE DON JUAN ANTIGO. ELA SUSPIRA E ARFA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de IRENE, encantada de vida, sorrindo e tapando o rosto com um lenço.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de ROSA, com um leque no
 rosto, sentada no jardim de Inverno
 de SALA DE MAURICIO, rindo.

ROSA - O senhor meu tio é impagável! Não sei por que
 acredito tão pouco nas coisas que lhe afirmo.

AFASTAMENTO até enquadrar ANASTÁCIO,
 de pé, perto dela, fisionomia fechada.

ANASTÁCIO - Acredito pouco, não. Não acredito nada
 E nem é possível alguém, de juízo, acreditar que uma
 moça bonita e elegante, como você, possa gostar,
 sinceramente, de um sapo boi como é aquele ridículo
 Comendador Sencho.

ROSA -(RINDO COM VONTADE) Coitado do Comendador, tio
 Anastácio! Chamá-lo de sapo boi, chega a ser impieda-
 de.

ANASTÁCIO - Impiedade é alguém fingir amor para de-
 pois desiludir um pobre velho quase à beira do túmu-
 lo.

ROSA - Mas quem lhe disse que finjo?

ANASTÁCIO -(IRRITADO) N Tem que fingir, outra coisa
 não pode ser.

ROSA - Engana-se, meu tio. Tudo que faço não é mais
 que um reflexo daquilo que sinto.

ANASTÁCIO - Estás louca! Completamente louca! Fêces
 minha filha e já estaria, há muito, trancada num hos-
 pício.

CONTRA REGRA - SINETA DE PORTA, AFASTADA.

ROSA - Olhe deve ser o senhor Comendador que chega,
 para a sua visita costumeira.

ANASTÁCIO - Eu nem quero estar aqui, tal o mal que me
 causa a sua presença.

ANASTÁCIO SAI PARA A SALA E SENTA NUMA POLTRONA, APANHANDO
 UM JORNAL E AFUNDANDO-SE NELE. O PÁGEM SURGE DE DENTRO E
 VAI ABRIR A PORTA ENTRA O COMENDADOR. O PÁGEM PEGA-LHE A
 CARTOLA E O FAZ ENTRAR COM UM GESTO. O COMENDADOR OLHA PARA
 ELE, ALTIVO E APENAS INCLINA A CABEÇA LEVEMENTE. DEPOIS QUE
 ELE TENHA ENTRADO, PÁGEM FECHA A PORTA. O COMENDADOR PASSA
 POR ANASTÁCIO. PROCURA CUMPRIMENTAR, MAS ANASTÁCIO NÃO DÁ
 OCASIÃO, ELE ENTÃO LEVANTA A CABEÇA COM AR DE SUPERIORIDADE,
 VIRA A CARA E PASSA PARA O JARDIM DE INVERNO. ANASTÁCIO DE
 POIS QUE ELE PASSA FAZ CARA DE QUEM SENTIU MAU CHEIRO.

SANCHO - Como vai a encantadora senhora dona Rosa,
 rainha das flores, rainha desta casa e raíña, também
 do coração de tantos apaixonados mancebos?

ROSA SE LEVANTA PARA RECEBE-LO, DÁ-LHE A MÃO QUE
 ELE SEGURA COM AS DUAS E BEIJA, SOPREGADAMENTE.

ROSA - (SORRINDO) Óra por quem é, Comendador! Com que então eu sou rainha de tantas coisas?

SANCHE - E de muitas outras coisas que eu não mencionarei.

CORTE

P.A. de PÁGEM E ANASTÁCIO

ANASTÁCIO - Você já viu coisas mais ridículas na sua vida?

PÁGEM - (SACUDINDO A CABEÇA E RINDO A MEIO TOM) O seu Comendado é mesmo muito ingracado.

ANASTÁCIO - Um ridículo é o que ele é. Um palhaço!

PÁGEM - A sinházinha diz que gosta dele, ele fica fazendo que só vendo.

ANASTÁCIO - Eu não consigo entender essa mocidade de hoje. Palavra de honra que não consigo. O outro, namorado uma velha e dizendo a todos que gosta dela. Esta namorando um macróbio e afirmando que o ama. Está tudo errado? Tudo errado.

AMASSA O JORNAL COM RAIVA, ATIRA NO CHÃO E PISA EM CIMA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANASTÁCIO, furioso.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de JUCA, dando uma boa gargalhada.

JUCA - Com que então o senhor publicista está zangado comigo? Que alegações faz?

AFASTAMENTO até enquadrar CLARA

CLARA - Diz que o senhor está iludindo a dona Irene e atrapalhando, com isto, o casamento dele.

JUCA - Não é bem o casamento que eu estou atrapalhando e sim a independência que ele pretende fazer, à custa da fortuna da velhota. Esta é que é a verdade.

CLARA - Ele fez ameaças terríveis. Você se cuida que ele não é de brinquedo.

JUCA - Eu não tenho medo, não, dona Clara. Esteja tranquila. Cão que ladra não morde.

CLARA - Mas ele já mordeu. Pelo menos, você estava aí se queixando, outro dia.

JUCA - Sim, ele, em verdade, já me intrigou com dona Laura e dona Rosinha, mas agora, que já o conheço bem, não me deixarei envolver facilmente.

CLARA - Não sei, não. Olhe que o Faustino não é da flôr que se cheira. Quando eu me lembro que ele escreve para três jornais, cada um pertencente a um partido diferente e consegue enganar os diretores, fico apavorada.

JUCA - Pois essa debilidade do seu caráter é que há de ser arma com que me defenderei contra ele. Ameaçarei denunciá-lo.

CLARA - Ele não vai se intimidar, porque sabe que o senhor não será capaz de fazer isto.

JUCA - Dona Clara...eu vou lhe dizer uma coisa que a senhora talvez ainda não saiba para defender o seu amor, mesmo o homem mais nobre, será capaz de cometer uma baixeza.

CLARA - O que?!..Mas então é verdade que o senhor ama dona Irene? Não posso crer.

JUCA - E por que não?

CLARA - Ora, senhor Juca, francamente!..Dona Irene que si pode ser sua mãe.

JUCA - E que tem isso? Estou certo de que mulher nenhuma há de ser mais dedicada a mim do que ela.

APROXIMAÇÃO até G.P. de JUCA, sorrindo cínicamente.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de MAURICIO, sentado.

com fisionomia carrancuda, na sala

SALA DE VISITAS DE MAURICIO.

AFASTAMENTO até enquadrar ANASTÁCIO, de pé, perto dele.

ANASTÁCIO - Pela sua cara, mano, estou a ver que é verdade o que he pouco fui sabedor.

MAURICIO OLHA PARA ANSTÁCIO E SEM DIZER UMA SÓ PALAVRA, BAIXA A CABEÇA, CONTINUANDO CALADO.

ANASTÁCIO - Vamos, homem, falo, desembuche será mesmo verdade que aquele ridículo cara de tartaruga ousou?

MAURICIO - Ousou.

AUDIO - ACORDE AGUDO DE INDIGNAÇÃO E SUSTO

ANASTÁCIO - Mas e tu? Que lhe disseste?

MAURICIO - Pedi-lhe prazo para pensar.

ANASTÁCIO - Já devias ter pensado he muito tempo. E agora? Que farás?

MAURICIO - Não sei. Confesso-te que não sei

ANASTÁCIO - Aí está porque eu sempre te dizia que as extravagâncias de Rosinha ainda iam acabar mal.

MAURICIO - (QUERENDO IMPEDI-LO) Ora, mano?

ANASTÁCIO - Quando eu bradava contra isso que vocês chamam de civilização, acusavam-me de carrença, que eu estava ainda com as ideias de século passado na cabeça e que isto não se usava mais. Agora você está vendo o fruto dessa civilização e desse modernismo exagerado.

MAURICIO - Mano, eu estou desesperado e você redobre os meus tormentos.

ANASTÁCIO - Você está colhendo os frutos da educação que você deu á sua filha porque você é um pai fraco e criminoso.

MAURICIO -(ZANGADO) Mano Anastácio, eu poderei chegar a pedir-lhe conselhos, mas dispenso as suas repreensões.

ANASTÁCIO -(QUEIMADO TAMBEM) Pois então, nem repreensões e nem conselhos. Dou-lhe os meus parabens pelo galante genro que arranjou agora. Entrou-lhe a fedalidade em casa.

MAURICIO - Mano, tenha pena de mim.

ANASTÁCIO - Descanse porque não o importunarei mais, de hoje em diante. Vou me enterrar novamente na roça, porque não quero ser testemunho da desgraça dos meus parentes.

MAURICIO - Não, mano, você não vai me abandonar, quando eu mais preciso de você.

ANASTÁCIO - Como não vou? Então acredita que eu terei ânimo para assistir ao casamento de minha única sobrinha com um urango-tango esquartejado? Não quererá, talvez, convidar-me para testemunho dessa ignomínia?

MAURICIO SE LEVANTA E QUASI CHORANDO ABRAÇA-SE

EM ANASTÁCIO QUE A PRINCÍPIO FAZ O DURÃO MAS ACA-

BA DEENDO E ABRAÇANDO-O VIVAMENTE COMO VIDO.

MAURICIO - Não me abandone, mano. Enão não vês que justamente agora é quando mais preciso do teu auxílio? Somos irmãos e sempre fomos amigos, por que tentas fugir-me, justamente na hora em que eu preciso que em empreste a tua energia, para afastar de mim essa o mal que se avizinha? E então? Não é verdade que vais me ajudar? Contei sempre com o teu auxílio, Anastácio, não has de me faltar agora.

ANASTÁCIO - E que queres tú que eu faça? Que pensas que eu possa fazer?

MAURICIO - Quero que fales tú com Rozinha, dizendo-lhe do pedido que acabo de receber e convencendo-a de recusá-la.

ANASTÁCIO - Pois vá lá. É o último sacrificio a que me posso prestar.

LEVANTA-SE E TOCA UMA CAMPAINHA AO TEMPO QUE FALA.

ANASTÁCIO - Vou mandar chamá-la e quando ela chegar peço-te que te retires, para que possamos falar sem contrangimento.

CHEGA EM CENA O PÁGEN TOTÔNIO. DIRIGE-SE A MAURICIO.

PÁGEN - O patrão chamou o nego véio?

ANASTÁCIO - Fui eu que chamei, Totônio.

PÁGEN - Nego véio tá às vés do sinhô, seu Nastácio.

ANASTÁCIO - A Rosinha está no quarto?

PÁGEN - Não, sinhô, seu Nastácio. Tá lá na sala de musga tocando citra, sim sinhô.

ANASTÁCIO - Pois então vai dizer-lhe que venha cá que eu preciso muito falar com ela.

PÁGEN - Sim sinhô, seu Nastácio, dim sinhô. Cum licença

O PÁGEN SE CURVA RESPEITOSO E SAI. HÁ UMA PAUSA.

ANASTÁCIO - Acho melhor que você saia agora, enquanto ela não vem.

MAURICIO - É o que vou fazer.

MAURICIO SAI. ANASTÁCIO SENTA-SE NO SOPÁ AGUARDA, DE FISIONOMIA FECHADA. ENTRA ROSINHA E VEM RIRBITO A ELE.

ROSA - O meu tio deseja falarx comigo?

ANASTÁCIO - Sim.

ROSA - Ih, pela sua cara vejo que não é boa coisa.

ANASTÁCIO - De fato. Prepare-se para ouvir o que há de pior.

ROSA - Meu Deus!...

MAURICIO - Sente-se e ouça-me com atenção.

ROSIHA SENTA-SE AO LADO DE ANASTÁCIO, COM A FISIONOMIA INTRICADA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSINHA, curioso.

AUDIO - MUSICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.

FIM

folha

R O S A

Pedidos feitos

ROMANCE DE J. M. DE MACEDO,

EM ADAPTAÇÃO DE ERICO CRAMER

15º CAPITULO

PERSONAGENS:

ROSA..... MARLENE NERY
ANASTÁCIO..... LUIZ CARLOS MAGALHÃES
JUCA..... GUDY EMUNDS
AMIGO..... J.C.STABILE
BAZÍLIA..... JURACY PINTO
CLARA..... MARIA LUIZA
PAGEM..... NELSON SILVA
MAURÍCIO..... NELSON GIANUCA
DONA *Irene*..... DIVA GONÇALVES
PROFESSORA..... DINA PERES
COMENDADOR SANCHO..... JÚLIO FLÁVIO

CENARIOS:

- 1º) - SALA DE VISITAS DE MAURÍCIO, COM O JARDIM DE INVERNO
2º) - CARAMANCHÃO PEQUENO, COM MESA DE BAR E TRES CADEIRAS DE FERRO.
3º) - SALA DE ESTAR DE DONA BAZÍLIA

DATA DA APRESENTAÇÃO

ABERTURA em G.P. de ROSA, sentada no sofá da SALA DE VISITAS DE MAURÍCIO, ao lado de Anastácio.

AFASTAMENTO até enquadrar ANASTÁCIO

ROSA - O meu tio deseja falar-me?

ANASTÁCIO - Sim.

ROSA - Ih!... Pela sua cara vejo que não é boa coisa.

ANASTÁCIO - De fato. Prepare-se para ouvir o que há de pior.

ROSA - Meu Deus!...

ANASTÁCIO - Ouça-me com atenção.

ROSA - Sou toda ouvidos.

ANASTÁCIO - Muitas vezes te tens queixado de que te ralho muito. Pois ainda hoje te quero ralhar.

ROSA - Já sei. Vossa mercê quer falar-me de um assunto que está ocupando a atenção de toda a cidade, mas penso que o melhor é não falarmos nisto

ANASTÁCIO - (doçemente) Rosa, minha querida sobrinha, que ideia é essa tua de teimares em sacrificar a tua mocidade, tomando como marido um homem velho, ridículo e até mesmo mau, como é o Comendador Sancho? Queres tu que eu acredite que te achas, realmente, apaixonada por ele? Tu não o amas. Não podes amá-lo.

ROSA SE LEVANTA BRUSCAMENTE. FISIONOMIA CONTRAIDA

ANASTÁCIO - Em nome de tua mãe, que está no céu, senta-te e continua a ouvir-me.

ROSA DEIXA-SE CAIR NO SOFÁ E ENCOSTANDO A CABEÇA NO PEITO DE ANASTÁCIO, COMEÇA A SOLUÇAR.

ANASTÁCIO - Eu sei a quem tu amas e porque estás a proceder dessa maneira insensata.

ROSA - Oh, não, não!... Cale-se, por Deus.

ANASTÁCIO - Unicamente por vaidade de mulher estás pretendendo desgraçar tua mocidade.

ROSA - (Chorando) Não... não... já lhe pedi que se cale.

ANASTACIO - Eu me calarei, desde que fales tu. Vamos falar. Eu te peço em nome de teu pai e pela memória de tua mãe.

ROSA - Se o meu tio jurar que o que lhe vou dizer ficará sepultado no seu coração...

ANASTACIO - Não juro.

ROSA - Pois então não falo.

ANASTACIO - Ah criança dos meus pecados! Fala, anda. Eu juro não dizer palavra.

ROSA - É verdade, sim... eu amo Juca... mas agora já não posso mais recuar da minha resolução.

ANASTACIO - E por que não?

ROSA - Porque fui eu mesma quem lhe pedi para que viesse falar com meu pai.

ANASTACIO - Louca! Unicamente por vaidade! Não te lembraste que passarias a ser objeto de zombaria de toda a cidade?

ROSA - Que importa? Já que me dei mal com um jovem que dizem ser espirituoso, hei de dar-me às maravilhas com um velho que, em lugar da cabeça, tem uma avelã ôca.

ANASTACIO - Pois minha sobrinha, afirmo-lhe que não consentirei que leva a cabo semelhante loucura.

ROSA - É o que havemos de ver, meu tio.

ANASTACIO - Juro-lhe que meu irmão não dará o sim ao Comendador.

ROSA - Da-lo-ei eu. E diante de todos, se fôr preciso.

ANASTACIO SE LEVANTA, SUFOCADO, PARA SAIR.

ANASTACIO - Ingrata! Tú serás desgraçada.

ANASTACIO SAI VIOLENTAMENTE, INDIGNADO.

ROSA - (Chorando, mas orgulhosa) Já o sou. Já o sou!...

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSTÃO com P.P. de AMIGO, sentado na mesa de CARAMANCHÃO DE BAR AO AR LIVRE, tomando uma bebida qualquer com sifom.

O AMIGO, DEPOIS DE TOMAR UM GOLE, AVISTA ALGUÉM QUE PASSA E LEVANTANDO-SE, CHAMA PARA FORA DE QUADRO.

AMIGO - Eh, Juca, que diabo é isto? Onde é que vais com tanta pressa?

JUCA - (F.Q.) Que te importa onde vou? Deixa-me em paz.

AMIGO - Vem cá. Eu tenho uma grande novidade para ti.

JUCA - (F.Q.) Não me interessa. Guarda-a para ti.

AMIGO - É sobre a rainha das flores. Sabes quem é?

JUCA - (F.Q.) O que?! Que dizes tú?! (entra pela câmara) Uma novidade sobre Rosa? Que é?

AMIGO - Senta-te e toma alguma coisa.

JUCA - (sentando-se) Não quero. Mas que há?

AMIGO - Dona Rosinha casa-se.

AUDIO - ACORDE DE SUSITO.

JUCA - (breve pausa) Com quem?

AMIGO - Namorou-se da comenda e do carro novo do grande Sancho e como não podia casar com a comenda e nem com o carro, resolveu-se a casar com o dono.

JUCA - (Pausa) Quem te disse isto?

AMIGO - O próprio Comendador Sancho.

AUDIO - ACORDE AGUDO

AMIGO - Queres tomar alguma coisa?

JUCA - À saúde dos noivos?

AMIGO - À saúde do que te parecer.

JUCA - Está bem. Eu vou tomar. Garçon, traz mais um copo aqui.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de CLARA, sentada na SALA DE ESTAR DE DONA BAZILIA, bordan-
do. BAZILIA está sentada noutra cadei-
ra, lendo.

CLARA - Quando é que a senhora termina de ler esse novo dicionário das flores, mamãe?

BAZILIA - Já terminei, há muito tempo. É que eu gosto de reler, de vez em quando.

CLARA - Eu lhe pedi que quando a senhora terminasse que eu queria ler e a senhora não me avisou nada.

ENTRA JUCA DA RUA, ARRASTANDO A LINGUA, QUASI EM BRIAGADO.

JUCA - Boa noite. (as duas respondem)

BAZILIA - Boa noite, Juca. O que é que você tem que está tão desfigurado?

JUCA - Bebi cerveja à saúde dos noivos.

CLARA - Que noivos?

JUCA - Pois então não sabem da grande novidade? Dona Rosinha e o Comendador Sancho ficarão noivos amanhã ou depois.

BAZILIA - Não é possível! Você tem certeza?

JUCA - Pelo menos foi aquele velho idiota mesmo que anunciou aos seus amigos. Portanto... viva dona Rosinha e viva o Comendador Sancho!... E eu vou dormir que estou com muito sono.

JUCA ENTRA PELA PORTA DA DIREITA AO FUNDO DA CENA.

CLARA - (depois de pausa) Coitado! Isso que ele tem sabe o que é, mamãe?

BAZILIA - Bebedeira. Quem é que não está vendo?

CLARA - Não senhora, não é bebedeira, não, mamãe. É paixão. Tudo isto é paixão!

APROXIMAÇÃO até G.P. de BAZILIA, sacudindo a cabeça, contristada.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: P.P. de ROSINHA, sentada na SALA DE VISITAS DE MAURÍCIO, pensativa

PAN. HOR. para o JARDIM DE INVERNO,
onde está o págem botando água para
os passarinhos e olhando para ela..

PAGEM - (meio tom) Pobresinha da sinhá!...
Anda tão triste... os ôio sempre vremeio de
chorá,... Quando ela pensa que tá solita, fi
ca anssim... oiando longe... pensando coisa
e sofrendo. Nêgo véio fica tão triste de vê
ela anssim...

O PAGEM COLOCA A GAIOLA NO LUGAR COMBINADO, VAI
NA OUTRA GAIOLA, TRAZ PARA O MEIO DA MESA E BO
TA AGUA TAMBEM, MAS SEMPRE OLHANDO PARA ROSA.

PAGEM - Das veiz o nêgo véio tem vontade de
chegá pre ela e falá anssim: a sinhasinha tá
percisando de arguem de cunfiança pra móde
abri o seu coraçãosinho. Pode abri pro nêgo
véio que ele jura por São Binidito que num
abre a boca dele pra dizê pra ninguem mais.

O PAGEM COLOCA A OUTRA GAIOLA NO LUGAR E VAI SA
IR PELA CAMERA. ANTES, PORÉM, OLHA AINDA PARA
ROSA, SACODE A CABEÇA E FALA, CONTRISTADO.

PAGEM - Quando as moça fica anssim, tão pa
xonada. Mas num é por esse véio que anda aí,
não que esse num é de paxoná ninguem. Eu tô
em dizê que o cauço todo é com aquele moço
do biête.

APROXIMAÇÃO até P.P. do PAGEM, contris
tado, sacudindo a cabeça.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: P.P. de JUCA, todo arrumado
para uma festa, na SALA DE ESTAR DE DO
NA BAZÍLIA

AFASTAMENTO até enquadrar XXXXXXXXXX
■ CLARA.

JUCA - Que tal está a minha casaca nova?

CLARA - Upa!... Onde é que vai nessa elegân
cia toda?

JUCA - Ao teatro, dona Clarinha.

CLARA - Teatro? Mas hoje não há espetáculo.

JUCA - Há, sim e bem bonito até.

CLARA - Onde?

JUCA - Num teatrinho particular.

CLARA - Então deve ser uma maçada tremenda.

JUCA - Hoje não. Representa-se uma comédia extraordinária, que vai divertir a todos os circunstantes.

CLARA - E qual é o título da comédia, sabe?

JUCA - A rosa murcha.

CLARA - A rosa murcha? (Achou) Mas então es se teatrinho particular...

JUCA - É em casa do senhor Maurício. Exatamente. É que a dona Rosa, esta noite, vai ficar noiva do senhor Comendador Sancho!

CLARA - Ah mas eu também quero assistir a essa comédia. Vou agora mesmo convencer a mãe de me levar.

CLARA ENTRA PARA O INTERIOR PELA PORTA DA ESQUERDA,
QUASI CORRENDO E CHAMANDO A MÃE AOS GRITOS.

JUCA - Vai ser um espetáculo digno de ser assistido por todos.

JUCA SAI PELA PORTA DA RUA E A CAMERA FAZ
APROXIMAÇÃO até DET de FLORES NUM VASO.

FUSÃO com DET de FLORES EM outro vaso AUDIO - PASSAGEM MUSICAL
da SALA DE VISITAS DE MAURICIO.

AFASTAMENTO até P.G. da CENA.

OS PRESENTES ESTÃO REUNIDOS EM DOIS GRUPOS. NO
GRUPO DA DIREITA ESTÃO REUNIDOS: JUCA, AMIGO, DONA
IRENE, E PROFESSORA. NO GRUPO DA ESQUERDA ESTÃO:
COMENDADOR SANCHO, ROSA, BAZILIA, CLARA E MAURICIO.

CORTE

P.A. de ROSA E COMENDADOR, vendo-se,
ao fundo, MAURICIO, BAZILIA e CLARA.

SANCHO - Apesar de não ter recebido nenhuma
resposta do pedido que fiz a seu pai, ao re
ceber seu recado, de que me esperava esta noi
te, não tive a menor dúvida em vir.

ROSA - Pois eu lhe mandei dizer que viesse,
porque vou precisar do senhor esta noite.

PAN. HOR. para MAURICIO, CLARA e BAZILIA, sentados mais adiante.

SANCHO - E eu ficarei encantado, se puder servi-la. Mande e obedecerei.

BAZILIA - Eu estou sentindo falta do seu Anastácio. Ele não está na cidade?

MAURICIO - Está, sim senhora. Não compareceu à reunião, diz ele que em sinal de protesto, mas eu digo que por birra.

CLARA - Em sinal de protesto por que?

MAURICIO - Ele anda muito contrariado pelas levandades de minha filha.

CLARA - Levandades?! Rosa me pareceu ~~sem~~ pre uma moça tão sensata... tão equilibrada

MAURICIO - E de fato o é, mas meu irmão não compreende nem admite as liberdades da educação moderna.

BAZILIA - Mas eu estou com seu irmão, senhor Maurício. Elas, por vezes, são prejudiciais.

PAN. HOR. para o GRUPO seguinte, focando-se, primeiramente, IRENE, PROFESSORA e AMIGO.

PROFESSORA - O Senhor Juca, hoje, tem qual quer coisa que o preocupa; não lhes parece?

AMIGO - Efetivamente. Ele hoje não está nos seus bons dias.

IRENE - Que se passará com o senhor? Pode-se saber?

JUCA - Nada de mais. Apenas uma ligeira dor de cabeça.

IRENE - Quer que lhe prepare um remédinho?

JUCA - Não senhora, obrigado. Não demora, passa.

IRENE - Não me custa nada. Eu o farei com o maior prazer.

AMIGO - O Juca é inimigo dos remédios. Prefere suportar a dor.

JUCA - Eu vou lhes pedir licença para me sentar um pouco ali no jardim e dentro de alguns momentos já estarei bom.

IRENE - Pois não. Vá fazer o seu repouso.

E se por acaso sentir-se muito só, eu terei o melhor gosto em fazer-lhe companhia.

JUCA - Obrigado. Eu mandarei chamá-la. Com licença.

PROFESSORA - É sua, senhor Juca, é sua.

JUCA SAI PARA O JARDIM AO LADO ONDE SE SENTA NUMA
CADEIRA QUE FIQUE MAIS RETIRADA.

CORTE

P.A. do GRUPO onde está ROSA.

ROSA OBSERVA A SAÍDA DE JUCA E LOGO VAI ATRÁS DELE.

ROSA - Senhor Comendador, peço-lhe que me permita ausentar-me por alguns momentos.

COMENDADOR - Pois não, pois não. Eu ficarei aqui aguardando, ansioso, o seu retorno.

ROSA SAI DE QUADRO EM DIREÇÃO AO JARDIM. A CAMERA
FICA COM MAURICIO. ENTRA EM QUADRO O PAGEM QUE CHE
GA AO OUVIDO DE MAURICIO E SEGREGA QUALQUER COISA.
ESTE SE ASSUSTA, ARREGALA OS OLHOS, SE LEVANTA.

MAURICIO - Com licença, sim? Eu preciso me afastar por alguns momentos.

CORTE

P.A. de ROSA e JUCA, no JARDIM

JUCA - Então é certo que vai tratar casamento com esse velho ridículo que é o Comendador Sanchinho?

ROSA - Sim e o que tem isso demais? O senhor também não vai casar com a velha Irene? E no entanto eu sei, perfeitamente, que o senhor não a ama.

JUCA - E como pode afirmar isso com tal segurança?

ROSA - Porque sei que é a mim que o senhor ama.

JUCA DÁ UMA RISADA GOSTOSA ELA FICA SÉRIA.

JUCA - Tem graça. Olhe que se não temesse ofendê-la...

ROSA - Pois não é verdade o que estou dizendo?

JUCA - Ouso dizer que não.

ROSA - E o senhor vai ^{querer} me convencer que ama aquela pobre velha?

JUCA - Pois não é moda amar os velhos? A senhora também não ama o Comendador Sancho?

ROSA - Tanto que daqui a pouco vou declarar a todos o meu próximo casamento. O senhor ousará fazer o mesmo?

JUCA - Talvez.

ROSA SE LEVANTA E SAI PARA A SALA SEGUIDA DE JUCA.

ROSA - Minhas senhoras, o Comendador Sancho teve a bondade de pedir-me em casamento e eu não seria tão louca que regeitasse essa honra.

JUCA - (em cima) Senhoras e Senhores: participo também todos, com a maior satisfação, que se acha definitivamente tratado o meu casamento com a senhora dona Irene.

IRENE DESFALECE. O AMIGO AMPARA-A. A PROFESSORA ABANA-A.
O COMENDADOR VEM PARA ROSA COMPLETAMENTE ENCANTADO E QUANDO VAI ABRAÇA-LA, SURGE MAURICIO EM QUADRO, TRANSTORNADO.

MAURICIO - Peço mil perdões a todos os meus amigos, mas meu mano Anastácio está muito mal e o médico acaba de me declarar que ele terá poucos momentos de vida.

ROSA - Titio!... Meu Deus! Que horror!...

APROXIMAÇÃO até G.F. de ROSA, de mãos juntas, desesperada!

AUDIO - SUFIXO MUSICAL PARA FINAL DO CAPÍTULO.

Pedidos feitos.

R O S A

ROMANCE DE J. M. DE MACEDO, EM
ADAPTAÇÃO DE ERICO CRAMER.-

16º CAPITULO

PERSONAGENS:

ANASTACIO..... L.C. Magalhães
JUCA..... GUDY EMUNDS
ROSA..... MARLENE NERY
MAURICIO..... NELSON GIANUCA
PÁGEM..... **EDILSON LOPEZ**
BAZILIA..... JURACY PINTO
CLARA..... MARIA LUIZA
IRENE..... DIVA GONÇALVES
COMENDADOR..... JULIO CESAR
Juliana..... LINDA GRAY
LAURA..... MARIA KATIRA
André..... VÍNICIUS SALVADORI
FRUSTINO..... CÉSAR MAGNO

CENARIOS:

- 1º) - QUARTO DE ANASTACIO (Novo)
2º) - SALA DE VISITAS DE MAURICIO COM JARDIM DE INVERNO
3º) - SALA DE ESTAR DE D.BAZILIA
4º) - OUTRO QUARTO DE SOLTEIRO (Novo)
5º) - Quarto de Vestido de Rosa (fundo neutro c/ apliques)
6º) - Sala Rica da Casa de Juliana (Novo)
7º) - GABINETE MISERÁVEL DE CASA VELHA (Novo)

SLIDES: (Os de costume, abertura)

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em P.P. de ANASTACIO, deitado, mexendo a cabeça suavemente para um lado e para outro. Entra em quadro uma mão que pousa na testa dele. Ele para de mexer.

AFASTAMENTO até enquadrar JUCA e ROSA, cada um sentado de um lado da cama.

JUCA está com a mão na testa do doente

Quarto de Anastácio -

ROSA - Já percebeu que toda a vez que o senhor lhe põe a mão na testa que imediatamente ele se acalma?

JUCA FAZ SINAL AFIRMATIVO COM A CABEÇA, SORRIDO.

HÁ UMA PAUSA. ENTRA MAURICIO EM QUADRO.

MAURICIO - Minha filha, acho que você e o senhor Juca estão se excedendo em cuidados e que isto pode prejudicá-los. Há tres dias que não arredam pé deste quarto. Convinha que respirassem um pouco lá fora e descansassem.

ROSA - Eu já disse ao senhor Juca que poderia sair um pouco, se quizesse.

JUCA - Não. Se me permitirem... eu prefiro ficar. Ele não fala, mas percebe tudo e eu sinto ansiedade nos seus olhos, quando me afasto por um momento que seja.

MAURICIO - Está bem, eu só temo pela resistência de ambos.

ENTRA EM QUADRO O ESCRAVO QUE CHEGA BEM PERTO DE ROSA E LHE FALA EM MEIO TOM, JUNTO AO OUVIDO.

PAGEM - O seu dotô tá lá na saleta inspecionando. Chegou agorica memo.

ROSA - Vamos sair, então, que ele não gosta de ver muita gente no quarto. Ficará apenas o senhor Juca que se fez seu enfermeiro infatigável. Vou mandá-lo entrar.

SAEM ROSA, MAURICIO E PAGEM. JUCA ACOMODA
AS COBERTAS DO DOENTE E VOLTA A BOTAR-LHE
A MÃO SOBRE A TESTA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANASTACIO

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSTO com G.P. de MAURICIO, sentado no
JARDIM DE INVERNO

MAURICIO - Nem sei como poderei agradecer
a esse rapaz uma dedicação tão grande ao
mano Anastácio.

ROSA - Realmente. Ele tem sido extraordiná-
rio. Nunca pensei que tivesse capacidade
para tamanha dedicação.

MAURICIO - É sempre assim, minha filha.
As aparências enganam.

ROSA - Que dirá o médico hoje? Eu estou
tão aflita... tão nervosa...

SURGE JUCA NO ARCO DO JARDIM, COM A FISIONOMIA
RADIANTE DE FELICIDADE

JUCA - O médico acaba de declarar o senhor
Anastácio livre de perigo.

ROSA SE ATIRA NOS BRAÇOS DO PAI E COMEÇA A SOLU-
ÇAR DE EMOÇÃO. JUCA SE APROXIMA, COMOVIDO E TERNO

JUCA - Então?... Vamos, que é isso? Não
chore que me deixa triste. As notícias são
boas. Devemos rir e agradecer a Deus!

ROSA FALA ENTRE SOLUÇOS CONTIDOS, SORRINDO

ROSA - Eu sei, senhor Juca... desculpe...
eu não deveria, efetivamente, chorar, mas
... a alegria foi tão grande... que me co-
moveu.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSA, sorrin-
do e chorando.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSTO com G.P. de BAZILIA

- Sala de Estar de D. Basília -

BAZILIA - Já está arrumada a mala do se-
nhor Juca. Pode entrar ali no quarto e re-
tirá-la.

AFASTAMENTO até enquadrar Clara escre-
vendo no canto da cômoda e o Pagem de
pé perto dela.

O PAGEM ENTRA NA PORTA DA DIREITA PARA MOMENTOS
DEPOIS VOLTAR ARRASTANDO UMA MALA BAÚ QUE COLOCA
DO LADO DE FORA DA PORTA, DA RUA.

CLARA - Espere um momento que estou escrevendo um bilhete para ele.

PAGEM - O nêgo inspera, sim, sinhá.

BAZILIA - Não pensei que o senhor Juca tivesse a coragem de deixar-nos.

CLARA - Mas mãe, não foi ele. Não ouviu o escravo dizer que ele nem sabe de nada. Que foi uma iniciativa do senhor Maurício? Por tanto não há nenhuma razão para ressentimentos.

BAZILIA ENXUGA DUAS LAGRIMAS. CLARA DOBRA O PAPEL
QUE ESCREVEU, BOTA-O NUM ENVELOPE E ENTREGA-O AO
PAGEM.

CLARA - Pronto. Faça o favor de entregar a ele este bilhete.

PAGEM - Sim, sinházinha. Com sua licença e a da sinhá.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO até DET da SANTA na
cômoda.

FUSÃO com DET. de outra santa, na
~~cabeceira~~ mesinha de cabeceira do

- OUTRO QUARTO DE SOLTEIRO -

AFASTAMENTO até enquadrar JUCA, sentado na cama, tendo perto dele o baú e lendo o bilhete de Clara, alto

JUCA - (lendo) "Senhor Juca, parabéns. O velho da roça melhora e a moça da cidade, provavelmente, vai sentindo-se incomodada. O Comendador Sancho deve estar com dores de cabeça e a velha Irene, pouco mais ou menos, no mesmo estado. O mano Faustino anda furioso e eu alegre com o que acontece, mas com muitas saudades suas. Avante, senhor Juca. Não desminta a sua fama e acabe, de uma vez e o quanto antes, com o seu "romance inacabado". Minha mãe manda-lhe lembranças e eu sou como sempre, sua amiga de coração, Clara."

JUCA SORRI. SACODE A CABEÇA. RASGA O BILHETE
EM MUITOS PEDAÇOS E BOTA PELÁ JANELA.

JUCA - Esta dona Clarinha, apesar de estou-
vada, tem um bom coração. Como é que ela
foi se lembrar do meu romance inacabado?

JUCA VAI NO BAU, ABRE-O E RETIRA DELE UMA CAIXA.
QUE TRAZ PARA CIMA DA CAMA, ABRE-A E RETIRA DELA
UMA OUTRA PEQUENA CAIXINHA COM UM BOTÃO DE FLOR DE
LARANJEIRA.

JUCA - Aqui está o botão de flor de laran-
jeira que me foi dado por Rosa e que me ser-
viu de talisman durante muito tempo. (Pausa)

E se eu tentasse terminar o meu romance?

TIRA DE DENTRO DA CAIXA UM CADERNO, ABRE-O E VAI
COM ELE ATE UMA MESA ONDE HA TINTEIRO E CANETA.
OLHA MAIS UMA VEZ O BOTÃO. BEIJA-O E COLOCA-O SO-
BRE A MESA. COMEÇA A ESCREVER E FALAR.

JUCA - Rosa: outr'ora escrevi a história de
nossos inocentes amores e parei naquela tri-
tíssima hora em que tú me fugiste num batel
demasiadamente ligeiro, deixando-me no cora-
ção o amor e a saudade. Passaram-se os anos
... e agora, continuando esse belo romance
da idade da pureza e da poesia, o que eu
posso escrever é apenas a história de um
amor. Rosa, lembrar-te-ás tú do passado?
guardará, porventura, a flor de teu nome
que eu salvei do abismo do lago, como guar-
do eu o botão da flor de laranjeira que me
deste num momento feliz? Rosa, já não és a
mesma. Ingrata, tú me esqueceste. Volúvel,
tú amas outro. O passado que é minha glória
é para ti um sonho, o presente, que para
mim é um tormento, para ti é ventura. Mas
teme. Teme porque o futuro será para ti o
remorso. Rosa, eu te amo ainda. Rosa, eu te
amo sempre!...

PÁGEM - Dá licença, sinhô?

JUCA - Podes entrar. Que há?

PÁGEM - O seu Maurício precisa falá co sinhô

JUCA PEGA O BOTÃO DE LARANJEIRA, DOBRA O PAPEL QUE
ESCREVEU, BOTA TUDO NA CAIXINHA, METE-A LIGEIRO
NO BOLSO DA CALÇA E SAI.

PÁGEM - (arrumando a mesa) Esse home tem si
do tão bão que nem sei. Por enquanto o seu
Nastácio teve máli, ninguém rancô ele de pel
to.

APROXIMAÇÃO até G.P. de PÁGEM.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA

FUSTO com G.P. de IRENE, abanando-se,
nervosa e sorridente, sentada na

SALA DE VISITAS DE MAURICIO COM O JARDIM
DE INVERNO. *onde está maurício, Barilã,
Clara e Comendador.*

IRENE - Sente-se aqui, senhor Juca. Guardei-
lhe esta cadeira mesmo a propósito.

JUCA SORRI FORÇADO E SENTA-SE DESOLADO.

IRENE - Há tanto tempo que não nos viamos...
Quando fui sabedora desta festa em regosijo
pelo restabelecimento de seu Anastácio, con-
fesso-lhe que a minha alegria maior foi pen-
sar que voltaria a vê-lo, depois de tão lon-
ga ausência.

JUCA - (sem graça) Doze dias, penso eu.

IRENE - Vinte e tres dias, marcados por mim
no calendário. Tive o cuidado de lhe escre-
ver algumas vezes, mas o portador nunca lhe
podeu falar...

JUCA - Eu andava muito ocupado.

CORTE

P.A. de ROSA e COMENDADOR, em outro
ângulo da MESMA SALA

COMENDADOR - Queria que me concedesse alguns
minutos, no jardim, para que pudéssemos con-
versar mais à vontade.

ROSA - Desculpe, Comendador, mas hoje creio
que não poderemos conversar por muito tempo.
Estou muito ocupada. Com licença, sim?

ROSA SAI E O COMENDADOR FICA COM CARA FECHADA.
PASSA A MÃO NA COMENDA E ELA NÃO ESTÁ.

CORTE

P.A. de IRENE e JUCA

COMENDADOR - Está aí no que deu eu mudar de casaca e deixar em casa a minha condecoração. A força daquela comenda é maior ainda do que imaginava. Estou vendo agora.

IRENE - Mas então o senhor não me diz nada?

JUCA - Creio que sempre tenho dito alguma coisa.

IRENE - Esperava encontrá-lo mais saudosos e ternos. Vamos ao jardim?

JUCA - Tenho medo do sereno. Posso influenciar-me.

IRENE - Lembre-se que está negando um prazer à sua noiva.

JUCA - Perdoe-me, minha senhora, mas estou muito preocupado com os cuidados ao meu convalescente.

IRENE - (levantando-se) Pois bem, então eu vou ao jardim sósinha, mas antes quero dizer-lhe uma verdade: o senhor tem se tornado intratável depois que se fez homem de bem.

IRENE SAI NUM ROMPANTE EM DIREÇÃO AO JARDIM

E JUCA SORRI ABERTAMENTE, SACODINDO A CABEÇA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de JUCA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSTO com G.P. de PAGEM, na PORTA DO QUARTO, OLHANDO A CAIXINHA COM O BOTÃO DE LARANJEIRA.

- Quarto de vestir de Rosa -

PAGEM CAMINHA PARA ROSA, DEPOIS DE FECHAR A CAIXINHA. ROSA ESTÁ DE CHAMBRÉ, NO PENTEADOR

PAGEM - O sinhô Juca mandou uma carga pra lá vá e no bolso da carga tava isso. Vim trazer, pra mãe a sinhá entregá pre ele.

O PAGEM ENTREGA A CAIXINHA PARA ROSA QUE ABRE. A E DEPOIS DE PEQUENA INDECISÃO OLHA O BILHETE.

ROSA - O botão de flor de laranjeira!... (lê baixo por uns momentos, iluminando-se a sua fisionomia.)

PAGEM - Dá licença, sinhá?

ROSA - Espera. (devolve) Vai entregar a ele mesmo esta caixinha, mas não diz que ela esteve comigo.

PAGEM. - Tá bem, sinhôa. Com licença.

O PAGEM SE RETIRA. ELA FICA SOSINHA, SORRINDO, EN
CANTADA.

ROSA - Ele me ama!... Ele sempre me amou.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de LAURA, de pé, zangada.

- SALETA RICA DA CASA DE JULIANA -

LAURA - Eu acho muito estranho que minha avó tenha mudado de pensar tão rapidamente. Antes, não suportava o Comendador Sancho e dizia dele cobras e lagartos, agora, quer casar-me com ele. Entenda-se.

AFASTAMENTO até enquadrar JULIANA,
sentada perto da neta.

JULIANA - É muito simples. Estou velha, começo a me sentir doente, amanhã ou depois desapareço e fica você aí, sósinha no mundo, sem ninguém que a proteja. Já que não conseguiu prender o senhor Juca, que - diga-se de passagem - não era lá grande coisa como casamento, ao menos então fique com o Comendador que lhe poderá dar carruagem, brilhantes, sedas finas, perfumes francezes e todas essas outras coisas boas que você tanto gosta, além de um título de nobreza que não é para se desprezar. Ou você vai pretender convencer-me de que não aprecia nada dessas coisas todas que eu acabei de citar?

LAURA - Bem... eu não posso dizer que não goste... todas as moças gostam, mas também o coração deve entrar na conta do casamento. Pelo menos a mim me parece.

JULIANA - Deixe-se de bobagens, menina e pense pela cabeça de sua avó que tem muito mais experiência. Se não puder pegar o senhor Juca, o que agora me parece muito ai

APROXIMAÇÃO até G.P. de JULIANA, com expressão de cobiça

FUSÃO com: G.P. de SANCHO, sentado
- GABINETE MISERÁVEL DE CASA VELHA -

AFASTAMENTO até enquadrar André, velho de setenta anos, usurário, sujo, mal vestido e desdentado. Usa barrete. É mal encarado e nunca ri.

JULIANA - (CONT.) fácil, trate de fregar logo o Comendador, lembrando-se das coisas boas que ele pode lhe proporcionar.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

COMENDADOR - Não imagina o quanto me custa vir solicitar-lhe empréstimo, quando ^{que} ainda lhe devo uma soma regular das transações anteriores, mas a questão é que hoje, como nunca, preciso ostentar uma posição invejável, para conquistar o dote de minha noiva, com o qual garantirei todas as minhas dívidas.

ANDRE - Aí está o dinheiro. Conte-o, agora o senhor.

COMENDADOR - Não é necessário. Já está contado.

ANDRE - Achará uma diferença, porque descontei os juros do primeiro semestre, adiantadamente.

COMENDADOR - (desagradado) Mas meu caro senhor...

ANDRE - (incisivo) Não adianta discutir. Se assim procedi, foi porque o senhor está atrasado até mesmo nos juros de suas dívidas antigas. Se não quer...

COMENDADOR - Não, não... quero, sim. Quero. Eu me submeto porque preciso.

LEVANTA-SE PARA SAIR E ANDRE VAI JUNTO.

ANDRE - Despojei-me de tudo quanto tinha para servi-lo. Veremos se me paga.

COMENDADOR - O senhor André tem, para sua segurança, a hipoteca de todos os meus bens.

ANDRE - É o que me vale.

COMENDADOR - Passe bem senhor.

ANDRE - Passe bem.

ANDRE SENTA-SE, SORRINDO MALÍCIOSO, DEPOIS QUE O COMENDADOR SAI.

ANDRÉ - Daqui a seis meses depono este calo velho porque deito-lhe a mão em todos os ~~seus~~ seus haveres. (Ri, naldosamente)

CONTRA REGRA - BATIDAS NA PORTA

ANDRÉ - Entre.

ENTRA FAUSTINO E VAI DIREITO AO USURÁRIO.

FAUSTINO - Boa tarde, senhor. O senhor é An^{primo e} dré Simão Bernard, ^{procurador} da viuva Senho^{ra} dona Irene; não é verdade?

ANDRÉ - Sim. A que vem o senhor?

FAUSTINO - Sou publicista e meu nome é Faustino. Vim avisá-lo de que sua prima dona Irene está noiva de um rapaz sem eira nem beira que pensa, naturalmente, apenas na fortuna ~~em~~ dela.

ANDRÉ - Não é possível! Eu não consentirei. Não consentirei. Uma parte dessa fortuna eu pensava que viesse para mim! Não admito que me roubem.

FAUSTINO - Eu sei que o senhor pensava e por isso trago-lhe uma proposta muito interessante. O senhor ~~em~~ tratará de convencê-la ~~axar~~ a desfazer esse noivado absurdo e aceitar-me a mim como seu noivo.

ANDRÉ - Está louco?

FAUSTINO - E em troca, eu lhe darei vinte por cento da fortuna da velhota.

ANDRÉ - Não aceito.

FAUSTINO - Trinta por cento?

ANDRÉ - Não aceito.

FAUSTINO - Não lhe darei mais do que quarenta. Quer?

ANDRÉ - Eu quero toda a fortuna de minha prima. Toda! (alucinado) E não consentirei que ninguém me roube, ouviu bem? Não consentirei que ninguém me roube!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANDRÉ, alucinado, olhos em fogo.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL.

0/2

R O S A

Pedidos feitos 7/1
(C)

ROMANCE DE J. M. DE MACEDO
EM ADAPTAÇÃO DE ERICO CRAMER.

17º CAPITULO

PERSONAGENS:

ANASTÁCIO..... L.C. MAGALHÃES ✓
ROSA..... MARLENE NERY ✓
JUCA..... GUDY EMUNDS ✓
PAGEM..... ~~ODILON LOPEZ~~ ELVIRA TEREZINHA ✓
MÓDRE..... VINÍCIUS SALVADORI ✓
JULIANA..... LINDA GAY ✓
LAURA..... MARIA KATIRA ✓
CLARA..... MARIA LUIZA ✓
IRENE..... DIVA GONÇALVES ✓
COMENDADOR..... JULIO CESAR ✓
FAUSTINO..... CEZAR MAGNO ✓
DANIEL..... *Arrival Cabrera*
~~Marcelo Figueiredo~~
AMIGO..... J.C. STABILE ✓
MAURICIO..... NELSON GIANUCA ✓
MARIANO..... JOSE ANTUNES ✓

CENARIOS:

- 1º) - SALA DE VISITAS DE MAURICIO COM JARDIM DE INVERNO
2º) - SALETA DE CASA DE D. IRENE - (SALETA FINA)
3º) - SALETA DA CASA DE DANIEL - (SALETA MODESTA)
4º) - QUARTO MODESTO DE ESTUDANTES - (COM DUAS CAMAS)
5º) - FUNDO NEUTRO PARA SUPERPOSIÇÃO - (3 METROS)

SLIDES - (Os de costume)

ABERTURA em P.P. de ANASTÁCIO, com
ligeiro repuxado na boca e falando
um pouco mais lento do que antes.

- SALA DE VISITAS DE MAURÍCIO -

AFASTAMENTO até

AUDIO - PRÉMILO MUSICAL

ANASTÁCIO - Com que então você já está
pensando em me abandonar, seu maroto?

JUCA - Penso que já é tempo, senhor Anastácio e depois porque, felizmente, o senhor já não precisa mais de mim.

ANASTÁCIO - E se eu lhe disser que preciso e muito?

JUCA - Eu direi que é bondade de sua parte

ANASTÁCIO - E se lhe pedirem para ficar?

JUCA - Depende de quem m'o pedir.

ANASTÁCIO - Rosa, que dizes tú? Queres que
êle vá, ou queres que fique?

HÁ UMA PAUSA. ROSA DESCONCERTA E NÃO RESPONDE

ANASTÁCIO - Vamos, responde. A tua opinião
é que vai decidir esta contenda. Queres
que o senhor Juca vá ou que fique?

ROSA - Quero... quero que fique.

ANASTÁCIO - E então? Que vai fazer agora,
quando todos desejam que você fique?

JUCA - Pois bem... sendo assim... ficarei
mais tres dias.

ENTRA EM QUADRO O PAGEM, DIRIGINDO-SE A JUCA

PAGEM - Tem aí uma pessoa chamada André
que quê falá co sinhô Juca.

JUCA - André? Não conheço ninguém com esse
nome, mas se me dão licença, recebê-lo-ei
aqui mesmo.

ROSA - É claro. Faça-o entrar, Totônio.

O COTADO SAI E TODOS FICAM NA ESPECTATIVA.

ANASTÁCIO - Maurício vai ficar muito feliz,
quando souber que você nos concedeu mais
três dias.

ANDRÉ - Dão licença?

ROSA - Entre senhor. Aí está o senhor Juca.

ANDRÉ - Boa tarde. Eu sou André Simão Bernard, primo e procurador de dona Irene.

JUCA - E o que deseja de mim?

ANDRÉ - O meu assunto com o senhor é confidencial.

JUCA - As pessoas presentes são minhas amigas e merecedoras de toda a minha confiança. Pode dizer ao que vem.

ANDRÉ - É que o senhor é o noivo de minha prima e se me tirar a procuradoria de seus bens ficarei na miséria. Por isso vim aconselhá-lo a fazer um casamento menos desigual, mesmo porque a fortuna dela não é tanta quanto dizem.

ANASTACIO - A quanto chega a miséria humana. Faça sair esse homem.

JUCA - Não ouviu? Retire-se imediatamente.

ANDRÉ - Está bem, eu saio, mas o senhor não casará com minha prima. (saindo) Não hão de me roubar! Não hão!

JUCA - (abanando a cabeça) Que tristeza, meu Deus! Do que é capaz o homem que se deixa cegar pelo dinheiro!...

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL, (funde com valsa antiga que fica em BG.)

JULIANA - (meio tom) O senhor não acredita no que digo?

COMENDADOR - Custa-me a crer, senhora dona Juliana. Assevero-lhe que ^{D. Rosa} deu-me provas de um amor desesperado.

DONA JULIANA DÁ UMA BOA GARGALHADA DE ESCARNEO

COMENDADOR - A senhora ri-se?

JULIANA - hei de lhe provar, ainda esta noite, que Rosa não gosta do senhor e

APROXIMAÇÃO até G.P. de JUCA

FUSTO com G.P. de COMENDADOR SANCHO,

- JARDIM DE INVERNO DA MESMA SALA -

JULIANA - (CONT.) que minha neta, esta sim, ama-o com sinceridade.

COMENDADOR - (encantado) A senhora dona Laura?! Meu Deus!...

JULIANA - Então acha direito o que fez sua noiva, há poucos momentos, cantando aquele dueto apaixonado com o senhor Juca, ao piano? Todos os presentes sentiram que aquilo foi uma dupla confissão de amor. Não há na sala quem não comente.

COMENDADOR - Pois bem, se a senhora me der uma prova irrecusável...

JULIANA - Prometo-lhe que esta noite ainda, o senhor a terá.

SURGE CLARA, NO ARCO E CONVIDA EM VOZ ALTA,

CLARA - Venham todos, por favor. O senhor Anastácio quer ler, em voz alta, o versinho da bala que ^{o bala} ~~ela~~ estalou com dona Irene.

JULIANA - Venha, Comendador, vamos ouvir.

PASSAM OS DOIS PARA A SALA, ONDE ESTÁ ANASTÁCIO SENTADO NO SOFÁ. AO SEU LADO DONA IRENE, CLARA, ^{JUCA} LAURA MAURICIO, FAUSTINO, JULIANA, COMENDADOR E DEPOIS ROSA, ESTÃO ESPALHADOS EM VOLTA.

ANASTÁCIO - Ouçam com atenção, porque é interessante - (Lê) Mulher de mais de cinquenta, é doida, se quer casar. Se lhe falta ocupação, crie pintos, vá rezar.

ESTOURA UMA GARGALHADA GERAL. DONA IRENE SE LEVANTA OFENDIDA. FAUSTINO CORRE PARA JUNTO DELA E ANIMA-A.

IRENE - Retiro-me porque fui desfeiteada e nunca mais voltarei a esta casa.

FAUSTINO - Eu a acompanho, minha senhora, já que quem o devia fazer não o faz.

SAEM OS DOIS DA SALA, PARA A RUA.

MAURICIO - Mano, isso não se faz.

ANASTÁCIO - Ora, não se faz! Eu tenho culpa que o verso tenha sido este? Leu-se alto to dos os demais.

COMENDADOR - É reprovável! É reprovável.

ANASTACIO - E o Comendador não quer também es
talar uma balinha?

COMENDADOR - Ora, vá para a roça.

JULIANA - Coloque-se atrás daquela grade e es
pere o que lhe prometi.

O COMENDADOR SAI PARA O JARDIM E SE COLOCA NO LUGAR
CITADO. ROSA VAI PASSANDO POR DONA JULIANA QUE A DE
TEM PELO BRAÇO E LEVA-A ATE PERTO DA REFERIDA GRADE

JULIANA - Viu o que fez o seu tio com dona Ire
ne?

ROSA - Fiquei sabendo agora. Reprovei o seu pro
cedimento. Oportunamente, hei de pedir desculpas
a dona Irene.

JULIANA - Estou certa que se o caso fosse com
o Comendador, a senhora estaria muito aborreci
da, porque a senhora o ama muito; não é verdade

ROSA - (irritada) Dona Juliana, eu já lhe disse
que não o amo e que lhe dei, imprudentemente, a
minha palavra. Acha possível uma moça de bom
gosto amar um velho ridículo e pedante?

O COMENDADOR DÁ DOIS FORTES ESPIRROS E ROSA O VE.

COMPREENDE TUDO E FAZENDO UM GESTO ALTIVO FALA

ROSA - Dona Juliana, faça entrar o quanto an
tes o Comendador porque ele se resfriou lá fora

ROSA SE RETIRA PARA A SALA.

APROXIMAÇÃO até P.P. de JULIANA, en
tre ofendida e satisfeita.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

FUSÃO com. G.P. de DONA IRENE

- SALETA FINA DA CASA DE DONA IRENE-

IRENE - Eu lhe agradeço muito, Comendador, a sua
visita de solidariedade e a grande honra que me
dá propondo-me casamento para tirarmos, juntos,
uma desforra de dona Rosinha e do senhor Juca,
mas a verdade é que eu devo confessar honesta
mente ao senhor que ainda não perdi a esperança
de me casar pelo coração e o moço Juca foi quem
do meu se apossou.

AFASTAMENTO até enquadrar SANCHÔ, senta do perto de dona Irene.

SANCHÔ - Daríamos um excelente tapa com luvas de pelica, se fizéssemos tal.

IRENE - Eu sei, Comendador, eu sei, mas o meu coração é ainda mais jovem do que eu e com criança malcriada a gente não deve insistir. Por que não procura dona Laura? Ela o receberia de braços abertos.

IRENE - Dona Laura só se interessa pelo maldito estudante. Confessou-o a mim naquela desastrosa festa.

IRENE - Mas e dona Rosinha, a todas estas?

COMENDADOR - Estava tristíssimo porque Juca mostrava estar recebendo com boa cara as atenções da neta da senhora dona Juliana.

IRENE - Pois então não perca o senhor também as esperanças. Pode ser que dona Rosinha ainda volte ao ninho antigo.

APROXIMAÇÃO até G.P. de COMENDADOR, sonhando, sorrindo com a lembrança.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de FAUSTINO na

- SALETA MODESTA DE DANIEL -

FAUSTINO - Senhor Daniel, em seu homem franco e gosto de falar sem rodeios. Propuz um negócio ao seu irmão André e ele recusou. Venho propô-lo ao senhor.

DANIEL - E que negócio é esse?

FAUSTINO - Sei que V.S. goza da maior influência junto à senhora Dona Irene, sua prima e então proponho-lhe que o senhor a faça desistir do seu casamento com o estudante que tomou por noivo e aceitar-me como esposo.

DANIEL - Entendo... entendo... E que mais?

FAUSTINO - Prometo-lhe uma indenização de quarenta por cento do dote que eu receber, se vossa senhoria conseguir esse casamento

DANIEL - O senhor Faustino confunde-me com o meu desgraçado irmão, mas saiba que sou completamente diferente. E minha resposta ao seu insulto aqui a tem.

DANIEL INVESTE CONTRA FAUSTINO, APUANHANDO UMA BENGALA QUE ESTÁ AO ALCANCE DE SUA MÃO E APLICANDO UMA BOA SURRA EM FAUSTINO QUE GRITA, DESESPERADO, FUGINDO PELA PORTA.

APROXIMAÇÃO até DET. de PORTA ou qualquer outra coisa escolhida.

FUSÃO com DET de qualquer outra coisa no - QUARTO MODESTO DE ESTUDANTE - AFASTAMENTO até enquadrar AMIGO e JUCA, conversando.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

AMIGO - Pois hoje fiquei sabendo que seu amigo Faustino levou uma surra tal do senhor Daniel, que se acha recolhido ao leito.

JUCA - Boa coisa ele não lhe há de ter feito.

AMIGO - Disseram-me que o seu susto foi tanto que ele nem foi capaz de reagir.

JUCA - Por falar em susto... eu também ando assustado com um certo sujeito que me segue por toda parte, embuçado numa longa capa.

AMIGO - Óra, Juca, francamente! Acho que você anda sonhando acordado.

JUCA - Juro-lhe como é verdade. Outro dia exasperei-me e resolvi enfrentá-lo. Puz-se a correr e apanhou o primeiro carro desocupado que passou.

AMIGO - Pois então se cuide, porque senão, qualquer dia, você acaba sendo raptado.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

APROXIMAÇÃO até G.P. de AMIGO que ri, divertido.

FUSÃO com G.P. de MAURICIO, sentado com ROSA - no JARDIM DE INVERNO -

MAURICIO - Queres que te diga o juízo que faço a respeito do homem a quem amas? Pois bem, vou ser franco: ele é, por vezes, extravagante e gosta de zombar de coisas sérias.

ROSA - (assustada) Então parece-lhe mau, meu pai?

MAURICIO - Não, não... isso eu não quero dizer. Ademais essas falhas podem e devem desaparecer. Afóra isto, devo dizer que é muito talentoso e, si se dispuser a estudar, há de chegar a grandes altitudes.

ROSA - Folgo em ouvir isto, meu pai.

MAURICIO - Mas ainda não te disse tudo. O eleito do teu coração é um mancebo afável, modesto e amigo devotado. Um homem de honra e de palavra.

ROSA - (feliz) Oh meu pai!...

MAURICIO - E acima de tudo, jamais poderemos esquecer a gratidão que lhe devemos. Estou absolutamente certo de que ele te fará feliz, minha filha.

ROSA ABRAÇA O PAI, SEM PODER DIZER PALAVRA, COMOVIDA.

JUCA IRROMPE DO LADO DE FORA DO JARDIM, ALEGRE E ARREPENDIDO.

JUCA - Perdão! Perdão pelo crime que acabo de cometer.

ROSA - (susto) Crime?

JUCA - Sim. Acabo de escutar tudo que ~~diziam~~ diziam a meu respeito. Então é verdade que não me negareis a mão de vossa filha?

MAURICIO - Se isso for da vontade de vosso pai...

JUCA APANHA A MÃO DE ROSA E DEPOSITA NELA UM BEIJO.

APROXIMAÇÃO até DET da mão e do rosto de JUCA

FUSÃO com DET de Mão e do rosto do COMENDADOR, beijando a mão de D. ^{Tulliana} Irene.

- SALA DE MAURICIO, JUNTO AO ARCO -

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

SANCHO - Se a senhora dona ^{Tulliana} Irene quizesse me conceder a honra de acompanhar-me até ao jardim, onde estaríamos mais à vontade, eu lhe contaria de um comentário que acabo de escutar.

^{Tulliana} Irene - Pois não. Imediatamente. O Comendador sabe que as mulheres são curiosas e

IRENE - (CONT.) eu não fujo à regra.

ENCAMINHAM-SE PARA O JARDIM, ONDE ELA SE SENTA

COMENDADOR - Acabo de ouvir que esta festa ~~expete~~ tem por verdadeiro motivo as pazes amorosas de dona Rosinha com aquele estudan-
te sem eira nem beira que se chama Juca.

JULIANA - Por que então não aproveita e não dá o trôco à orgulhosa Rosinha, anunciando o seu noivado com minha neta?

COMENDADOR - Ela estaria de acôrdo?

JULIANA - Não poderá deixar de estar, em to-
do caso vou avisá-la de que isto vai aconte-
cer.

O COMENDADOR COMEÇA A ESFREGAR AS MÃOS DE CONTENTE
E JULIANA ENTRA NA SALA ONDE VAI ENCONTRAR LAURA NO
OUTRO EXTREMO, COM AMIGO E CLARA. O COMENDADOR NÃO
ESPERA E VAI ATRAZ. CHEGAM NO GRUPO E TODOS CALAM.

JULIANA - Laura, minha querida...

COMENDADOR - (cortando) Senhora dona Juliana
JULIANA SE SURPREENDE E SE VIRA, MUITO ADMIRADA

COMENDADOR - O momento é talvez impróprio,
mas eu não quero e nem posso perder um só
instante da felicidade a que aspiro. Peço-
lhe desde já a senhora dona Laura em casa-
mento.

JULIANA - Senhor Comendador, eu poderia res-
ponder por minha neta, mas prefiro que ela
mesma o faça. Que dizes Laura?

LAURA - Que o regeito.

LAURA DA UMA RABANADA E SAI DO GRUPO. CLARA E AMI-
GO BOTAM A MÃO NA BOCA PARA NÃO RIR.

JULIANA - Agora sou eu que o convido a irmos
ao Jardim, Comendador. Ambos precisamos res-
pirar.

SAEM OS DOIS PARA O JARDIM E CLARA E AMIGO RIM.

CORTE

P.A. de JUCA e ROSA, sentados no sofá.
Numa poltrona perto está MAURICIO.

JUCA - O Comendador e a senhora dona Julia
ne passaram para o jardim com a fisionomia
muito carregada. Algo lhes deve ter aconte-
cido.

ENTRA EM QUADRO TOTÔNIO COM UMA SALVA DE PRATA E
UM ENVELOPE COM PAPEL ESCRITO DENTRO.

PÁGEM - Um home acaba de entregá essa car-
ta pra voismicê.

JUCA, EXTRANHADO, ABRE A CARTA, LE UMAS LINHAS, BOTA
A MÃO NO PEITO E FALA, SENTINDO-SE MAL E CAMBALEANDO

JUCA - Meu pai... meu pai... morreu...

JUCA VAI CAIR MAS MAURICIO AMPARA-O. ROSA DA UM GRITO

MAURICIO - Totônio, depressa! Vá buscar um
médico!...

ROSA - (chorando) Meu Deus!... Meu Deus!...
Salvai-o!...

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO até G.P. de ROSA,
chorando, aflitissima.

FUSÃO com G.P. de MARIANO, aflito,
sentado no Jardim de inverno.

PÁGEM - (recolhendo uma chicara de café ei-
nho) O sinhô Juca tá miô?

MARIANO - Infelizmente não. E por desgraça,
fui eu, seu pai, o causador de tudo.

PÁGEM - O sinhô? Num intendo.

MARIANO - Aquela carta que ele recebeu du-
rante a festa, fui eu mesmo que escrevi.
queria ver a reação que causaria em meu fi-
lho a noticia de minha morte. E aí está o
meu castigo: sua vida ameaçada de morte, pe-
lo efeito que o choque lhe causou ao cora-
ção.

PÁGEM - Por isso, entonce, que a nhãnhã tá
cos óio vremeio de tanto chorá, e num qué sa-
de perto dele.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

IRENE - Hoje estou num dia de sorte. Primei-
ro foi o primo André...

APROXIMAÇÃO até G.P. de TOTÔNIO.

FUSÃO com G.P. de IRENE, sorrindo,
SALETA FINA DA CASA DE IRENE
DESTOQUE.

FOCALIZA em P.A. de ANDRÉ.

FUNDO NEGRO

DESFOQUE

FOCALIZA em P.A. de IRENE, sorrindo

DESFOQUE

FOCALIZA em P.A. do COMENDADOR

em FUNDO NEUTRO

DESFOQUE

FOCALIZA em P.A. de IRENE, sorrindo

DESFOQUE

FOCALIZA em P.A. de FAUSTINO em

FUNDO NEUTRO

DESFOQUE

FOCALIZA em P.A. de IRENE sorrindo.

APROXIMAÇÃO até G.P. de DANIEL, de
expressão contraída

ANDRÉ - A prima sabe que sempre a estimei e
que ninguém guardará melhor sua fortuna do
que eu. Os outros só querem se aproveitar de
la. Pode crer.

IRENE - Depois... apenas uma hora depois, apa-
rece-me o Comendador Sancho.

COMENDADOR - A senhora não encontrará esposo
mais dedicado do que eu serei. Iremos sempre
aos ~~cinemas~~ teátrons, aos bailes, a toda
a parte e a nossa felicidade há de ser inve-
jada por muitos. Verá.

IRENE - E por último aparece-me o senhor Faus-
tino, com o peito arfando... os olhos em fogo
... numa paixão desenfreada que chegou mesmo a
me causar susto.

FAUSTINO - Ninguém... ninguém há de amá-la
com maior ardor do que eu. Minha paixão é tão
ardente... tão impetuosa... que se sair daqui
sem a esperança de vê-la saciada um dia, não
sei o que poderá me acontecer.

IRENE - Positivamente hoje estou em maré de
sorte. Acho que a nenhuma moça aconteceu coi-
sa semelhante até o dia de hoje.

CONTRA REGRA - PALMAS AFASTADAS

IRENE - Meu Deus! Será que vou ser pedida pela
quarta vez? Não importa. Farei como aos outros.
Pedirei tempo para pensar.

DANIEL - (F.Q.) A prima dá licença?

IRENE - (Desconfiada) Daniel! Que milagre vo-
cê em minha casa?!...

DANIEL - É verdade, ^{prima} é infelizmente para tratar
de um assunto muito sério.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

6.1.1

R O S A

Pedidos feitos em 7.1.

ROMANCE DE J. M. DE MACEDO,

ADAPTAÇÃO DE ERICO CRAMER

18º CAPÍTULO (Último)

PERSONAGENS:

IRENE..... DIVA GONCALVES
DANIEL..... *Porival Calvera*
ROSA..... MARLENE NERY
JUCA..... GUDY EMUNDS
MARIANO..... JOSÉ ANTUNES
ANASTÁCIO..... L.C. MAGALHÃES
FAUSTINO..... CÉZAR MAGNO
ANDRÉ..... VINÍCIUS SALVADORI
COMENDADOR..... JULIO CÉSAR
Julio ~~OLMIR~~
OLMIR *OLMIR SILVA*

CENARIOS:

- 1º) - SALETA FINA DA CASA DE DONA IRENE
2º) - OUTRO QUARTO DE SOLTEIRO - (O mesmo do cap. 16º)
3º) - SALA RICA DE MAURICIO COM JARDIM DE INVERNO
4º) - GABINETE MISERAVEL DE CASA VELHA (O mesmo do cap. 16º)
5º) - SET DE GABINETE DE LUXO ANTIGO (Novo)

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES - (Abertura)

ABERTURA em: P.P. de D.IRENE, descon-
fiada.

AFASTAMENTO até enquadrar DANIEL

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

IRENE - Daniel!... Mas que milagre você
em minha casa?!...

DANIEL - É verdade, prima. E infelizmente,
para tratar de um assunto muito sério.

IRENE - Por Deus! Sente-se logo e diga ao
que venha.

DANIEL - (sentando-se) A prima sabe que, ap-
esar de solteirão, eu tenho, na minha ca-
sa, duas crianças, filhas de seu irmão fale-
cido, a quem a senhora nunca reconheceu co-
mo sobrinhos, para não ter que ~~lhes~~ entre-
gar a parte da fortuna que lhes pertencia.
Para não envolver o nome da família num es-
cândalo eu calei, recolhi os pequenos e
pensei comigo: de qualquer forma esse di-
nheiro, um dia, virá para as mãos deles.
Agora, no entanto, fui sabedor de que a
senhora pretende casar-se e foi então que
me rebeleí. Não posso consentir que passe
para as mãos de estranhos uma fortuna que
deverá pertencer a dois inocentes.

IRENE - Quer dizer então que o senhor me
condena ao maior dos castigos: não tornar
a casar-me?

DANIEL - Absolutamente. Apenas imponho que
a senhora aceite um que se disponha a ado-
tar seus sobrinhos.

IRENE - Eles não vão querer e eu estarei
condenada a morrer sem tornar a me casar.

DANIEL - Pois se nenhum quizer, lembre-se
que eu estarei disposto a fazer isto pelas
crianças.

IRENE - (feliz) É mesmo, primo? Meu Deus!
Mais um pedido de casamento. Quatro!...

FAZ O GESTO MOSTRANDO PARA CÂMERA QUATRO DEDOS.

APROXIMAÇÃO até G.P. de IRENE, feliz,
FUSTO com: G.P. de ROSA, sentada per-
to da cama onde está deitado JUCA,
de olhos fechados.

- Outro quarto de solteiro -

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

ROSA - Está dormindo?

JUCA - (abririndo os olhos) Não. Apenas fingi
dormir, para que meu pai saísse do quarto e
eu pudesse estar a sós com a senhora.

ROSA - Creio que seu pai não gosta de mim,
senhor Juca.

JUCA - Não lhe faça essa injustiça. O seu
exterior é rude, mas guarda no peito o me-
lhor e o mais sensível dos corações.

ROSA - É que ele me olha e me trata de um
modo bem singular.

JUCA - Meu pai tem ciúmes da senhora, enten-
de? Eu sou o único amor da sua vida e ele
teme que amando a senhora, eu deixe de amá-
lo.

ROSA - Mas nesse caso o senhor já deveria
ter tranquilizado o seu coração.

JUCA - Pois é o que vou fazer agora, se
quizer fazer a bondade de chamá-lo.

ROSA - Não é preciso, ele já vem aí. (TOM)
Ia mesmo chamá-lo a pedido de seu filho.
Passeou muito?

ENTRA EM QUADRO MARIANO, SEMPRE SISUDO E SECO.

MARIANO - (significativo) Talvez demais.

ROSA - É que a temperatura está arradável.
Convida a passear.

MARIANO - Mas a senhora parece que prefere
ficar dentro de casa.

ROSA - Aguardava apenas a sua volta para
sair. Não desejava deixar o senhor Juca só
zinho. Com licença.

ROSA FAZ UMA GRACIOSA REVERENCIA E SAI. MARIANO
VEM SENTAR-SE PERTO DO FILHO, SEMPRE SÉRIO.

JUCA - Meu pai não parece estar muito satis-
feito?

MARIANO - E efetivamente não estou. Tenho o coração intranquilo e só poderei descansá-lo quando me prometeres que has de me obedecer em tudo.

JUCA - Pois si é isto que o aflige, tem desde já a minha promessa.

MARIANO - Pois então quero que afastes, antes de tudo, a ideia de um casamento, à qual eu só procurarei me habituar depois que te teinhas formado em medicina.

JUCA - Mas eu amo Rosa, papai e ela é um encanto de moça, o senhor vai ver.

MARIANO - Não quero ver e desde já te aviso que não consentirei nesse casamento.

JUCA - Está bem, meu pai, paciência! Eu farei por vencer o meu amor.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

APROXIMAÇÃO até G.P. de JUCA, tristonho.

FUSÃO com G.P. de ANASTÁCIO, olhando para a câmara como quem procura.

- SALA DE VISITAS DE MAURÍCIO -

ANASTÁCIO - Eu vi que ele passou aqui para a sala... Onde diabo se meteu esse velhote?

VAI À PORTA DA RUA, ABRE, ESPIA. FECHA E VOLTA

PARA O JARDIM DE INVERNO ONDE MARIANO ESTÁ SENTADO.

ANASTÁCIO - Ah, está aqui? Andava à sua procura.

MARIANO - Desejava alguma coisa?

ANASTÁCIO - Sim e como somos ambos da roça, não farei rodeios para dizer o que quero.

MARIANO - Pois vamos a saber.

ANASTÁCIO - Estou com vontade de tornar o seu filho meu sobrinho.

MARIANO - Como assim?

ANASTÁCIO - Ora, como assim! Da única maneira que pode ser. Casando-o com minha sobrinha.

MARIANO - Meu filho está ainda muito moço e não tem rumo definido na vida.

ANASTÁCIO - Então pretende guardá-lo para casar depois de velho?

MARIANO - O Juca tem, por ora, uma cabeça de vento.

ANASTÁCIO - Minha sobrinha lhe fará assentar o juízo, há de ver.

MARIANO - Não hei de ver porque declaro-lhe, desde já, que não consentirei que meu filho se case.

ANASTÁCIO - Mas eles se amam. Atente bem para isto, senhor Mariano.

MARIANO - E quem mandou que se amassem?

ANASTÁCIO - Sabe o que estou vendo? Que o senhor é um homem desalmado e que não me adianta estar a perder tempo em convencê-lo. Dane-se.

ANASTÁCIO DA UMA RABANADA E SAI LIGEIRO

MARIANO - Se não devesse favores ao senhor e aos seus parentes...

ANASTÁCIO - (F.Q.) Não nos deve nada. Tudo que fizemos foi ao Juca.

MARIANO - Velho malcriado!

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARIANO

FUSÃO com G.P. de ROSA, de pé, atrás

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

do sofá - na SALA DE VISITAS DE MAURICIO

AFASTAMENTO até enquadrar MARIANO, querendo dobrar-se, desajeitado.

ROSA - Mas então é certo que vai partir? Creia que ficarei muito triste e mais ainda por ter tentado em vão agradá-lo, sem o conseguir. Se ao menos pudesse ter a certeza de que jamais o ofendi...

MARIANO - Óra, óra... também isso não. Vamos daqui cativos de tanta bondade e de tantos obséquios recebidos.

ROSA - Pois bem, então se é assim... faça de conta que eu sou interesseira e conceda-me um favor em troca dos obséquios.

MARIANO, ESPERANDO OUTRA COISA, DECHA GARRANCA

MARIANO - Pode dizer o que quer, minha senhora.

ROSA - Peço-lhe que não se vá daqui mal com meu tio. Ele é um coração de ouro, apenas um tanto rude, às vezes. Por isso, suplico-lhe que aceite a mão que ele vai lhe oferecer.

MARIANO - Isso não me custará. Nem pensei que fôsse esse o pedido que me faria.

ROSA - Já sei o que pensou, mas juro-lhe senhor Mariano que só ficarei noiva de seu filho com o seu consentimento e quando o senhor, em pessoa, venha pedir-me a meu pai. E agora com licença que eu vou buscar o meu tio, para lhe pedir desculpas do que fez.

ROSA SAI PELA CAMARA. MARIANO FICA PARADO
OLHANDO MUITO ADMIRADO PARA ELA E FALA

MARIANO - Agora sim. Agora gostei. Com esta ela me dobrou!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARIANO.

FUSTO com G.P. de JUCA, dobrando roupas em cima da cama.

- OUTRO QUARTO DE SOLTEIRO -

JUCA - Foi uma sorte o vendaval desta noite. Inundou as estradas e antes de quatro ou cinco dias, não poderemos partir. O interessante, no entanto, é que meu pai, que eu imaginei que havia de se contrariar muitíssimo, não se mostrou agastado. Pelo contrário, parece até muito entusiasmado com o torneio de gamão imaginado por seu Anastácio e no qual ele está se revelando um excelente ganhador.

ENTRA MARIANO E VEM ATÉ PERTO DO FILHO

MARIANO - Meu filho, eu estive pensando melhor acerca dos teus projetos.

JUCA - Sim, papai?

MARIANO - Acho que o mais conveniente é que se realize o teu casamento com dona Rosa.

APROXIMAÇÃO até G.P. de JUCA que emocionadíssimo está abraçado ao pai, sem dizer palavra.

FUSTAO com: G.P. de FAUSTINO

- GABINETE MISERÁVEL DE CASA VELHA -

AUDIO - ACORDE QUE TRADUZA ALEGRIA

JUCA - É verdade, papai? Então o senhor acha?

• MARIANO - Acho, sim e aconselho-te a que te cases bem depressa, antes que eu venha, também, a me apaixonar por ela.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FAUSTINO - Sabe o que vim fazer? Mostrar-lhe os efeitos da sua recusa, no caso do meu casamento com dona Irene.

ANDRE - Como assim? Fale mais claramente.

FAUSTINO - Ela casa-se com outro.

ANDRE - Não me conta novidade, amigo. Inda ontem esteve aqui, levou todos os seus papéis para proceder a uma verificação e poder estipular o dote que me dará. É comigo que ela se casa.

FAUSTINO - Pois se lhe disse isto, enganou-o para poder tirar o que lhe pertence. A estas horas ela deve estar a casar-se com o seu irmão.

ANDRE - Com meu irmão? Com Daniel quer o senhor dizer?

FAUSTINO - Exatamente. E tanto isto é verdade que o senhor, pode ver aqui uma cópia dos proclamas. Sabia que o senhor não acreditaria, por isso quiz trazer-lhe a prova.

FAUSTINO DA UM PAPEL PARA ANDRÉ QUE DEPOIS DE OLHA-LO, MACHUCA-O COM RAIVA, JOGANDO-O AO CHÃO E PISANDO EM CIMA.

ANDRE - Farsantes! Ordinários! Traíram-me miseravelmente! Mas talvez eu ainda tenha tempo de evitar este roubo! Saia, senhor Faustino, saia que eu preciso fechar minha casa.

FAUSTINO SAI ENQUANTO O USURÁRIO APANHA O CHAPÉO QUE COLOCA AS PRESSAS NA CABEÇA, SAINDO TAMBÉM, FECHANDO A PORTA E PARANDO-SE UM MOMENTO DIANTE DELA, PARA ESPERAR A FUSÃO

ANDRÉ - Não pensem eles que ficarei sem me vingar desta vilania. Jamais os perdooarei.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ANDRÉ, com expressão de ódio.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de JUIZ, olhando para o livro que está à sua frente e onde IRENE e depois DANIEL assinam - SALETA FINA DA CASA DE D.IRENE - AFASTAMENTO até P.M. da CENA

DEPOIS QUE DANIEL TERMINA DE ASSINAR O JUIZ APERTA A MÃO DE DONA IRENE PRIMEIRO E DEPOIS

A MÃO DE DANIEL, AO TEMPO QUE FALA PARA OS DOIS

JUIZ - Desejo aos senhores todas as felicidades.

IRENE - Agradecida, senhor.

DANIEL - Muito obrigado, senhor juiz.

O JUIZ FECHA O LIVRO E SAI COM ELE PARA FORA, FAZENDO, ANTES, UMA CURVATURA DIANTE DELES.

JUIZ - Muito boa tarde e com licença.

IRENE - É sua, meu senhor.

DANIEL - Boa tarde, senhor Juiz.

O JUIZ SAI E DANIEL, DEPOIS DE ACOMPANHÁ-LO, VOLTA

DANIEL - Penso que agora poderemos mandar buscar os meninos. Eles estão loucos para abraçá-la.

IRENE - Ainda não. Eles me abraçarão mais tarde. Vamos ficar ao menos alguns momentos a sós.

IRROMPE PELA PORTA ANDRÉ, ONISPANDO ÓDIO, FURIOSO.

ANDRÉ - Com que então o senhor meu irmão resolveu roubar-me a fortuna da prima Irene?

DANIEL - Não, André. Acabo de evitar que ela seja roubada de quem verdadeiramente pertence

ANDRÉ - É a quem ela verdadeiramente pertence? Pode dizer-me?

DANIEL - Você sabe tão bem quanto eu, André. Mas nunca é demais repeti-lo. Ela pertence, por direito, aos filhos do Irmão de Irene, falecido no Acre.

ANDRÉ - E o senhor estará disposto a deixar escapar de suas mãos um dinheiro que já é seu, uma vez que acaba de casar-se com ela?

DANIEL - Ouça, André, não faz muito saiu daqui o Juiz que nos casou.

ANDRÉ - Encontrei com ele à saída do corredor.

DANIEL - Pois muito bem, antes do casamento houve um outro ato em que eu e minha esposa reconhecemos e adotamos por nossos filhos os dois inocentes que até hoje tive sob minha guarda.

ANDRÉ - Você não passa de um ladrão que se mancomunou com a prima Irene para roubar-me. (exaltando-se) Ladrões! Ladrões os dois! Junteram-se para roubar-me. Para espoliar-me. Mas fiquem certos que eu tirarei minha vingança.

CÔNTRA REGRA - BATIDAS NERVOSAS NA PORTA

DANIEL SE ENCAMINHA PARA A PORTA E ABRE-A. SURGE NELA A FIGURA DE FAUSTINO ALTERADA PELA AFOBAÇÃO

DANIEL - Que deseja, senhor?

FAUSTINO - Está aí seu irmão André?

DANIEL - Sim. Se deseja falar-lhe, pode entrar. Ali está ele.

FAUSTINO - Senhor André, uma desgraça! Uma grande desgraça o atingiu

ANDRÉ - (furioso) Que mais, agora?

FAUSTINO - Sua casa está pegando fogo. Os vizinhos estão tentando apagá-lo, mas não conseguem.

ANDRÉ - Que disse o senhor? Minha casa está pegando fogo? Mas não podem deixar que ela queime. Lá está a minha arca e todo o meu dinheiro!

SAI DESARVORADO, EM ALTOS BRADOS ATÉ SUMIR NO FUNDO DO ESTÚDIO.

ANDRÉ - Apaguem o fogo! Apaguem o fogo! Minha arca não pode queimar. Está nela o meu dinheiro! O meu rico dinheiro!... O meu rico dinheiro!... (GARGALHADA DE ALUCINADO, APASTADA).

DANIEL - Pobre do meu irmão! É o castigo do céu!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de DANIEL

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de COMENDADOR, lendo um jornalzinho, junto a uma janela de - SET DE GABINETE ANTIGO, DE LUXO -

COMENDADOR - Duas tristes celebridades acabam de desaparecer, súbitamente, do cenário da cidade: a primeira é o velho usurário André, homem notável pela sua proverbial avareza, que endoideceu, de repente, vendo o terrível incêndio que em menos de duas horas devorou sua casa e toda a sua enorme fortuna dentro dela acumulada. Foi recolhido, ontem, à casa dos alienados. A segunda não menos triste celebridade é o senhor Faustino Barreto que escrevia em três jornais a um só tempo, dando a cada um dos seus artigos a cor política que o jornal adotava. Esse rapaz mudou-se ontem definitivamente para a Califórnia, onde pensa fixar residência. (Pausa e tom) O Faustino foi para a Califórnia, vejam só!... (Lendo) Sociais. Realiza-se esta tarde, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, a cerimônia religiosa da senhorita... (corta) Não pode ser...

COMENDADOR - Dona Rosinha se casa hoje com aquele estudante estrabolega, sem ei ra nem beira? Parece mentira! É a trigésima sexta noiva que me escapa, mas o dia bo me leve se me escapar a trigésima sétima.

AMASSA O JORNAL COM FORÇA, JOGA NO CHÃO E
PISA EM CIMA MUITAS VEZES, COM RAIVA.

APROXIMAÇÃO até P.A. da CENA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSTAO com P.A. de ROSA E JUCA, ambos vestidos com a roupa do casamento religioso (ela de noiva) no JARDIM DE INVERNO DA CASA DE MAURÍCIO

OS DOIS SE ABRAÇAM, SORRIEM FELIZES E FICAM FAZENDO MIMICA ATÉ O FINAL DOS GETES.

SUPERPOE OS GETES DE ENCERRAMENTO

AUDIO - SUFFIXO MUSICAL PARA ENCERRAMENTO.

F I M